

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COGEAE – Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e
Extensão
Faculdade de Educação
Curso de Especialização em Fundamentos de uma Educação para o
Pensar

Ana Paula Garcia

A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE NA FORMAÇÃO DO
INDIVÍDUO
Um Estudo Bibliográfico

São Paulo

2017

ANA PAULA GARCIA

A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE NA FORMAÇÃO DO
INDIVÍDUO
Um Estudo Bibliográfico

Monografia entregue à disciplina de Metodologia da Investigação Científica I (MIC I), do curso de Fundamentos de uma Educação para o Pensar, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em uma Educação para o Pensar.

Orientadora: Profª Drª Sonia A. Ignacio Silva.

São Paulo

2017

Dedico este trabalho
A minha mãe, Marlene,
por ter me ensinado a percorrer o caminho
das mulheres fortes e lutadoras.
Ao Adriel, meu primo, pelo carinho, apoio e companhia.

AGRADECIMENTOS

A minha família, Sr^a Marlene, minha mãe, e Adriel, meu primo, pelas palavras de incentivo e por me entenderem nos momentos de ausência.

À PUC-SP, que me proporcionou o aprendizado necessário para a construção deste trabalho.

A minha orientadora, Prof^a Dr^a Sonia A. Ignacio Silva, pela dedicação, paciência e ensinamentos durante a elaboração deste trabalho.

Aos colegas da turma, pelas discussões, amizade e apoio no percurso dos estudos.

Ao Senac, pelo incentivo, apoio e por proporcionar-me os recursos necessários para a efetivação destes estudos.

Aos meus alunos, que se mostraram receptivos e sensíveis as minhas propostas, baseadas na minha crença de uma educação significativa e capaz de proporcionar-lhes os mecanismos para viver em sociedade.

[...] sempre que um professor, um pai, um terapeuta ou qualquer pessoa com a função de facilitar o crescimento sente profundamente que o indivíduo é um valor específico e original, seja qual for a sua condição presente ou seu comportamento, está favorecendo a criatividade.

(Carl Rogers, 1961/2009, p. 415)

RESUMO

GARCIA, Ana Paula. **A importância da criatividade na formação do indivíduo:** um estudo bibliográfico. 2017. Monografia (Especialização em Fundamentos de uma Educação para o Pensar), Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2017. 66 f.

A presente pesquisa teve por objeto de estudo a criatividade como componente essencial da formação do indivíduo. A criatividade tem sido uma capacidade bastante requisitada nas últimas décadas, principalmente nas organizações capitalistas, dentro dos processos produtivos, onde, acredita-se, tal capacidade é capaz de gerar a inovação e agregar valor aos produtos e serviços. Entretanto, essa visão micro da criatividade deixa de considerá-la como fator do próprio desenvolvimento dos seres humanos e da sociedade, recurso utilizado no processo de humanização do homem e mecanismo essencial para a sua participação na vida social. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo investigar a criatividade como aspecto importante da formação do indivíduo, tendo em vista a sua participação na vida social. O problema de pesquisa focou na criatividade e como ela contribui para o desenvolvimento humano, a constituição do sujeito e a sua participação na vida social. Foi realizada uma pesquisa qualitativa exploratória, com coleta de dados a partir de pesquisa bibliográfica, visando tomar familiaridade com o assunto em discussão. A pesquisa bibliográfica possibilitou a fundamentação teórica desse estudo, a partir das contribuições de Alencar (2010), Braia et al. (2014), Freire (1999), Gomes e Lapoli (2014), Nakano (2009), Oliveira (2010), Pinheiro (2009), Sakamoto (2012) e Sartório (2012), autores e autoras que investigaram, analisaram e publicaram estudos sobre o conceito de criatividade, seus pressupostos teóricos e o papel da mediação da escola e outras instituições, tais como a família, o trabalho e a sociedade, no desenvolvimento dessa capacidade nos indivíduos. A relevância desta pesquisa circunscreve-se à construção de um quadro teórico que conceitue a criatividade e analise os institutos sociais que contribuem para o desenvolvimento dessa capacidade nos indivíduos, focalizando, principalmente, o papel da escola nessa ação. Os resultados da pesquisa permitiram concluir que a criatividade é um componente essencial do desenvolvimento integral do homem, isto é, do ser social, que atua em sua realidade, transformando-a, capaz de contribuir para a vida em sociedade.

Palavras-chave: Criatividade. Educação. Homem. Cultura. Sociedade.

ABSTRACT

GARCIA, Ana Paula. **The importance of creativity in the formation of the individual: a bibliographic study**. 2017. Monografia (Especialista em Educação para o Pensar), Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2017. 66 f.

The present study aimed to study creativity as an essential component of the formation of the individual. Creativity has been a demanded capacity in the last decades, especially in capitalist organizations, within productive processes, where, it is believed, such capacity is capable of generating innovation and adding value to products and services. However, this micro-vision of creativity no longer considers it as a factor in the development of human beings and society itself, a resource used in the humanization process of man and an essential mechanism for his participation in social life. Therefore, the present study aimed to investigate creativity as an important aspect of the formation of the individual, with a view to their participation in social life. The research problem focused on creativity and how it contributes to human development, the constitution of the subject and their participation in social life. An exploratory qualitative research was carried out, with bibliographical research, aiming to familiarize itself with the subject under discussion. The bibliographic research made possible the theoretical basis of this study, based on the contributions of Alencar (2010), Braia et al. (2009), Sakamoto (2012) and Sartório (2012), authors and authors who have investigated, analyzed and published Studies on the concept of creativity, its theoretical assumptions and the role of mediation in school and other institutions, such as family, work and society, in the development of this capacity in individuals. The relevance of this research is limited to the construction of a theoretical framework that conceptualizes creativity and analyzes the social institutes that contribute to the development of this capacity in individuals, focusing mainly on the role of school in this action. The results of the research allowed us to conclude that creativity is an essential component of the integral development of man, that is, of the social being, which acts in its reality, transforming it, capable of contributing to life in society.

Keywords: Creativity. Education. Human. Culture. Society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

CAPÍTULO 1 – TEORIAS DA CRIATIVIDADE: ENTRE O MÁGICO E A COMPETÊNCIA.....	18
1.1 CONCEITUANDO A CRIATIVIDADE.....	19
1.1.1 Breve contexto histórico.....	25
1.2 DIFERENTES CONTEXTOS DE MANIFESTAÇÃO DA CRIATIVIDADE	28
CAPÍTULO 2 – A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO.....	32
2.1 A CRIATIVIDADE COMO COMPONENTE DO TORNAR-SE PESSOA.....	34
2.2 A CRIATIVIDADE E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO.....	38
2.3 TRABALHO E CRIATIVIDADE	41
CAPÍTULO 3 – CRIATIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL	44
3.1 A ESCOLA COMO PROMOTORA DA CRIATIVIDADE DOS ALUNOS	45
3.2 A ESCOLA CRIATIVA, CIDADÃOS CRIATIVOS, PARTICIPATIVOS E CRÍTICOS.....	52
3.3 O TRABALHO DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	67

INTRODUÇÃO

A minha carreira profissional iniciou-se no mundo corporativo, ou seja, em empresas do setor privado, organizadas de acordo com o sistema de produção capitalista. Já no final da década de 1990, parecia crescer a demanda por indivíduos criativos, de tal forma que os processos de atração, seleção e contratação de pessoal para atuar nessas empresas levavam em consideração o potencial maior ou menor de criatividade.

No ano de 2011, deixei o mundo corporativo e adentrei um outro universo profissional, em que há tempos vinha descobrindo o meu potencial e motivação para atuar. Um ambiente totalmente diverso daquele que até então eu vinha frequentando profissionalmente: a sala de aula.

Iniciei a minha carreira como professora atuando em diversos segmentos da educação escolar, desde os cursos universitários, até aqueles da educação técnica profissional, modalidade em que ministro aulas atualmente, ensinando jovens e adultos que estão em busca de uma carreira profissional no mercado de trabalho.

A escola em que trabalho, uma das instituições do Sistema S, tem uma correlação estreita com o mercado de trabalho, por conta das especificidades de seus cursos de aprendizagem comercial, isto é, de formação de profissionais para atuar no segmento do comércio e serviços. Naturalmente, essa instituição reflete as demandas do mercado de trabalho. Conseqüentemente, a formação de futuros profissionais que apresentem a capacidade criativa é uma das finalidades dessa instituição.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) dessa instituição preconiza a utilização de metodologias ativas, com a finalidade de desenvolver em seus alunos o protagonismo, a criticidade, a reflexão sobre o seu fazer e, também, a criatividade. Dessa forma, ao professor é colocado o desafio de, entre as variadas competências exigidas pelo mercado de trabalho, desenvolver a capacidade criativa de seus alunos.

Experiente no desenvolvimento profissional de colaboradores de grandes empresas capitalistas, as quais, segundo já mencionado, privilegiavam a contratação de trabalhadores criativos e capazes de elaborar alternativas para contornar e resolver problemas que, possivelmente, ocorreriam no processo

produtivo, e juntando a essa capacidade outra, a de tomar decisões, passei a utilizar métodos de trabalho em sala de aula que tivessem como objetivo também o desenvolvimento da criatividade e expressão de meus alunos.

Contudo, por não possuir um curso de formação pedagógica, que me possibilitasse a utilização de métodos e atividades de forma intencional e planejada, de acordo com as metas programadas para a obtenção de resultados no processo de ensino e aprendizagem, as atividades possuíam um caráter empírico, baseadas no fazer, sem que houvesse uma sistematização ou uma análise reflexiva teórica, de minha parte, sobre a produção dos alunos.

Assim, senti a necessidade de uma formação que me possibilitasse atuar, amparada pelos conhecimentos científicos que as ciências humanas – psicologia, filosofia, sociologia, ciências da educação etc. – me delegariam, a partir de uma especialização que muniria a mim dos instrumentos, das técnicas e das reflexões necessárias à estruturação de meus saberes e fazeres.

Desde então, comecei a entender que as atividades que eu planejava, no cotidiano da sala de aula da instituição de ensino técnico profissional em que atuo, junto aos meus alunos, tinham o objetivo de levá-los a se deparar com problemas de situações do cotidiano, que fossem significativas para eles, isto é contextualizadas, que lhes desafiavam a reflexão e a criticidade, na busca por hipóteses que, testadas, poderiam levar à solução dos problemas apresentados.

Os trabalhos em sala de aula propostos por mim privilegiam a tomada de decisões por parte dos alunos para a resolução de problemas, na busca de alternativas ainda não pensadas ou que escapam às minhas considerações, como professora, adulta e profissionalmente mais experiente que eles. O objetivo desses trabalhos é levar os alunos a refletir sobre os inúmeros caminhos que existem para se resolver uma questão prática do dia a dia e como eles se posicionam criticamente frente a essa questão.

De forma geral, a organização das atividades se processa da seguinte forma: se estou diante de uma turma heterogênea – alguns com mais conhecimento e outros com menos –, procuro trazer abordagens que atendam a todos os públicos, ora sendo mais conteudista, ora trazendo mais a prática e incentivando o debate e o senso crítico sobre os temas. Não privilegio o “certo” e “errado” e, sim, os pontos de

vista sobre o assunto, embasados em dados e fatos, sem “achismos”. Assim, os alunos são estimulados a refletir sobre o seu ponto de vista e sobre o dos outros colegas.

Procuro observar nas primeiras aulas a forma como cada aluno aprende, me ajuda muito perceber os alunos visuais, auditivos e cinestésicos, de acordo com as técnicas da Programação Neurolinguística (PNL), que aprendi em cursos, ao longo de minha carreira profissional.

Busco utilizar diferentes recursos para que os alunos tenham a percepção de que estão aprendendo de uma forma mais atrativa: aos visuais, utilizo fotos, slides, imagens e histórias; aos auditivos, abuso de recursos como áudios, vídeos, música, letras de músicas e o próprio tom de minha voz, ora mais grave, ora mais suave, para enfatizar aspectos que mais valorizo no aprendizado.

Finalmente, aos cinestésicos, busco promover a experimentação das situações, incentivando a criação de dramatizações, fazendo relatos que demonstrem minhas emoções diante de determinada situação apresentada e depoimentos de pessoas que a vivenciaram.

A minha atuação como professora privilegia o lúdico, com propostas de transformar conteúdos técnicos em forma de expressão, abrindo o leque de possibilidades de expressar a aprendizagem de várias formas: músicas, exposições, desenhos, teatros etc. Os conteúdos das aulas são embasados em fontes bibliográficas seguras, sempre as cito, bem como aos autores, inclusive pedindo ao aluno que pesquise mais se tiver interesse. Nesse sentido, sou bem exigente.

Atualizo as aulas constantemente com o que há de mais atual no contexto sobre o tema a ser trabalhado, a partir de revistas semanais, reportagens, entrevistas etc. Privilegio as novidades e aulas mais criativas, como se estivesse montando-as para mim, como se eu fosse a aluna, e sempre me perguntando se o que estou ensinando a esse aluno o ajudará em sua realidade social.

Em conversas informais com os meus parceiros de trabalho, analiso que não são todos os professores que utilizam métodos que coloquem o aluno em evidência na aprendizagem, que privilegiam o fazer dele e a sua forma de expressão e busca de alternativas para solucionar as questões práticas e aquelas que fazem parte das atividades pedagógicas. A própria instituição em que atuo, ainda que conste em seu

PPP a importância de desenvolver o protagonismo, a iniciativa, o potencial criativo e a tomada de decisão do aluno, não trabalha o seu professor para que ele se direcione a isso.

Realizando uma retrospectiva da minha vida escolar, concluo que as instituições pelas quais passei não destacaram aquilo que eu podia fazer e que não necessariamente havia aprendido na escola: elas formataram o meu potencial, segundo aquilo que esperavam de mim, como aluna, para que eu pudesse entregar o que a instituição esperava, principalmente a partir do ensino fundamental, mais precisamente, na antiga 5ª série.

Tal questão me faz refletir sobre o que Moraes e Navas (2015) referenciam a respeito da criança que ainda não adentrou a escola, que ela é curiosa, investigativa e imaginativa. A sua criatividade parece não ter limites, haja vista as possibilidades que cria durante o ato de brincar, ressignificando relações, objetos e seus usos (o palito de sorvete pode ser a espada do cavaleiro, por exemplo, na brincadeira do faz de conta).

A escola formata o pensamento e enquadra o potencial criativo dos indivíduos, segundo uma ideia tradicional e conservadora de produções, que deverão atender determinados fins – aprovação em vestibular ou atuação no mercado de trabalho.

Para essa afirmação, baseio-me em Diguê (2016), que cita uma entrevista à revista *Istoé*, do especialista em educação e professor britânico, Ken Robinson, o qual afirma que a escola “mata” a criatividade dos indivíduos, tendo em vista que o sistema educacional foca, de forma absoluta, na preparação de alunos para entrar em uma Universidade e ter uma profissão.

Na contramão dessas reflexões, acredito e defendo uma visão macro da criatividade, contrária à noção reducionista que coloca essa capacidade em uma situação de coadjuvante no desenvolvimento global do indivíduo, como mera ferramenta para o mercado de trabalho e atuação profissional, no âmbito das relações capitalistas.

A criatividade, no contexto das organizações, encontra-se atrelada ao conceito de inteligência e talento, na busca de selecionar “os melhores” e excluir “os menos preparados”, definindo aos indivíduos o seu lugar na sociedade.

A escola, enquanto *lócus* privilegiado, no qual se encontra sistematizado o conhecimento acumulado pelo homem ao longo de sua história material (SAVIANI, 1997) deveria atentar para o desenvolvimento da criatividade de seus alunos e, logo, de seus talentos, oferecendo-lhes subsídios para que se insiram em seu contexto e sintam-se parte da sociedade e da história, num processo de constituição de sua cidadania.

Contudo, parece ocorrer o contrário: segundo Ken Robinson (*apud* DIGUÊ, 2006, s. p.), a criança adentra os muros escolares inventiva, imaginativa e criativa; sai um “adulto pasteurizado, padronizado” e pronto para se encaixar no mecanismo que engendra o modo de produção baseado no acúmulo do capital.

Mediante toda essa problemática, surgiram, no âmbito da minha especialização, reflexões acerca da minha atuação como professora, de meus colegas de trabalho, da organização pedagógica da instituição em que atuo e da minha formação escolar, em relação ao processo de ensino e aprendizagem, o qual propõe direcionar o aluno para o centro do ensino.

Dessa forma, busca-se desenvolver o protagonismo do aluno, sua criticidade e seu potencial criativo, como formas de participação em sua realidade social, mas que, concretamente, o enquadra em parâmetros que servem para que ele atenda às demandas do mercado de trabalho e dos processos produtivos.

Assim, essa inquietação despertou-me o interesse por esta pesquisa, que se organizou em torno de uma questão-problematizadora: De que forma a criatividade contribui para o desenvolvimento humano, a constituição do sujeito e a sua participação na vida social?

O meu interesse era propor estudos que ampliassem a questão da criatividade para além das demandas do mercado de trabalho: a criatividade serviria ao desenvolvimento humano e à participação do indivíduo na sociedade e como potencial para o desenvolvimento da cidadania. Por isso, diante da questão-problematizadora, estabeleci como objetivo geral da pesquisa investigar a criatividade como aspecto importante no desenvolvimento dos indivíduos.

Segundo mencionado, minha intenção era buscar outros conceitos de criatividade que não estivessem somente atrelados ao mercado de trabalho e ao mundo produtivo capitalista. Buscava pesquisar publicações que tratassem a

criatividade como motor de desenvolvimento da sociedade, a partir da formação de indivíduos capazes de participar em sua realidade social, modificá-la e posicionar-se criticamente, exercendo a sua cidadania.

Desse modo, o objetivo geral se ramificou em objetivos específicos, os quais buscaram:

- Conceituar teoricamente a criatividade;
- Analisar a criatividade enquanto mecanismo de participação dos sujeitos em sua realidade social.
- Pesquisar as contribuições da educação escolar para o desenvolvimento da criatividade dos alunos.

A partir do tema da pesquisa, da questão-problematizadora e de seus objetivos, tanto geral, quanto específicos, interpôs-se a necessidade de coleta de dados para fundamentar as minhas impressões sobre a criatividade, como um potencial maior do ser humano, para participação na sociedade.

Optei, assim, por uma pesquisa qualitativa exploratória, fundamentada em uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de me familiarizar com o assunto, promover a fundamentação teórica e justificar os próprios limites e contribuições desta pesquisa.

No quadro 1, abaixo, elenco os principais autores que serviram de embasamento teórico para as considerações feitas ao longo do desenvolvimento deste estudo. Para indicação dos trabalhos, foram pesquisados os seus resumos e transcritos *in verbis*, conforme abaixo:

Quadro 1 – Principais autores e suas contribuições teóricas (elaborado pela autora da monografia)

Autor	Data	Considerações teóricas
ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de.	2010	O conceito de criatividade tem participado cada vez mais do cotidiano, em diferentes espaços sociais e também no campo científico; esse crescente interesse pela temática tem se infiltrado nas múltiplas esferas da vida social: nas empresas, que demandam trabalhadores criativos; no sistema educacional, em que programas de ensino destacam a criatividade como aspecto imprescindível para a aprendizagem; nas artes, na comunicação, áreas que valorizam cada vez mais as

		expressões criativas.
BRAIA, Filipa; CURRAL; Luís; GOMES, Catarina.	2014	A criatividade, em contexto organizacional, tem sido definida enquanto a produção de ideias originais, úteis e apropriadas (ZHOU & SU, 2010) e constitui um passo necessário para a inovação (AMABILE, 1988). No entanto, existem questões sobre as condições convenientes que estimulam a criatividade que não estão esclarecidas (MUMFORD, HESTER & ROBLEDO, 2012), nomeadamente o impacto de recompensas extrínsecas (OLDHAM & BAER, 2012) e o impacto do feedback negativo (ZHOU, 2008). O [...] estudo examina o efeito destes dois fatores anteriores na geração de ideias criativas. [...]. Esta investigação contribui para obter mais conhecimento sobre as condições apropriadas para que a criatividade e a inovação prosperem nas organizações.
FREIRE, Paulo	1967/1999	Ainda que a obra Educação como prática da liberdade não trate especificamente da criatividade, ela referencia a educação libertadora, como práxis fundamental para o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico dos indivíduos, condições fundamentais para a criatividade.
GOMES; Roberto Ken; LAPOLI, Édis Mafra.	2014	Os autores tratam do conjunto de fatores estimulantes e inibidores da criatividade de indivíduos em diversas organizações, a partir de pesquisa qualitativa, com análise de instrumentos de coleta de dados, a entrevista.
NAKANO, Tatiana de Cássia.	2009	Considerando-se a criatividade como uma característica capaz de desenvolver o potencial do indivíduo e partindo-se da percepção da importância do estímulo à criatividade no ambiente escolar e do reconhecimento do papel do professor neste processo, este trabalho teve como objetivo identificar pesquisas brasileiras sobre criatividade realizadas com amostra de professores a fim de verificar o que tem sido estudado e os resultados que vêm sendo obtidos, visando traçar um quadro do que já se conhece acerca do fenômeno da criatividade junto a estes profissionais.
OLIVEIRA, Zélia Maria Freire de.	2010	Estudo teórico que aborda alguns importantes fatores influentes no desenvolvimento do potencial criativo do

		<p>ser humano (família, escola, ambiente de trabalho, contexto sociocultural e saúde do indivíduo), segundo as teorias sistêmicas da criatividade. As experiências familiares são fundamentais para a formação da pessoa, a constituição de valores, crenças, sentido crítico e criatividade. A escola é onde se passa grande parte da vida e, portanto, ideal para o desenvolvimento do potencial criativo, por meio de professores criativos que, valendo-se da criatividade, podem tornar suas aulas prazerosas e estimuladoras. As organizações, por sua vez, requerem indivíduos criativos, até por questão de sobrevivência no mercado. A criatividade também é influenciada pela cultura, dependendo da situação, das pessoas e de seus elementos constituintes. A saúde é vista como um processo de funcionamento integral de todo o ser, que aumenta e otimiza seus recursos, entre eles, a criatividade.</p>
PINHEIRO, Igor Reszka	2009	<p>Através de um ensaio crítico-analítico, este artigo revisa o entendimento da criatividade, propondo um modelo que se sustenta nas mais recentes contribuições das ciências cognitivas. Partindo da lógica do processamento de distribuição paralela, o Modelo Geral da Criatividade organiza os vetores da fluência e do grau de divergência, oferecendo uma base conceitual comum para os diversos estudos da criatividade, assim como, indicações mais precisas para a definição de métricas e métodos na pesquisa neurológica. A análise dos vetores da criatividade, seus limites e sua dilatação temporal, se apropria de diversos termos para culminar na assertiva de que o estado de criação consiste de um determinado equilíbrio e não da mera dispersão.</p>
SAKAMOTO, Cleusa Kazue.	2012	<p>Nesse horizonte de reflexões, o debate acerca do tema da criatividade emerge como interessante campo de questionamentos e <i>insights</i> acerca da complexa construção da realidade na contemporaneidade. Foram apresentadas neste artigo duas teorias sobre a criatividade: de Donald Winnicott e de Mihaly Csikszentmihalyi, e encaminhada</p>

		uma discussão sobre a influência do ambiente na construção criativa das realidades pessoais e sociais, que culmina com uma breve reflexão acerca das ideias de Edgar Morin que define o ser humano como “ser planetário” que deve ter em vista peculiaridades de sua identidade como ser biológico e sociocultural cuja ética deve ser “antropoética” ao pressupor responsabilidades pessoais, sociais e de consciência perante o planeta como pátria.
SARTÓRIO, Lúcia Ap. Valadares		Este artigo tem como objetivo trazer reflexão em torno dos aspectos que envolvem a criatividade, a partir de uma perspectiva histórica, para obter um distanciamento da imediatidade e, conseqüentemente, uma compreensão mais ampla dos diferentes fatores que possibilitam sua manifestação, por estar diretamente vinculada à prática social e considerá-la essencial ao desenvolvimento humano.

Como procedimento da pesquisa bibliográfica, foi realizado um recorte das produções das duas últimas décadas sobre o assunto; com o auxílio dos meios físicos (biblioteca) e virtuais (acesso à base de dados Scielo), foram elencadas diversas publicações (livros, artigos, teses, entrevistas etc.) que tiveram por tema a criatividade, a importância do potencial criativo na sociedade e a influência da escola na criatividade dos indivíduos.

Mediante isso, a construção do estudo se deu a partir de três capítulos: no Capítulo 1, descrevemos as principais teorias a respeito da criatividade, buscando desmistificar o caráter mágico, de dom ou espiritual dessa capacidade, mostrando que ela se desenvolve na vida social do homem e é dependente das instituições sociais.

No Capítulo 2, analisamos a criatividade como componente do desenvolvimento dos indivíduos, de tal forma que esses possam intervir em sua realidade social, de forma autônoma, livre e crítica, para que possa transformá-la, relacionar-se com os seus pares, apreendendo a cultura e sendo por ela constituído.

Finalmente, o Capítulo 3 analisa como a educação tem buscado desenvolver o potencial de seus alunos e como a escola se torna o local com participação fundamental na constituição de cidadãos e no desenvolvimento da criatividade, além do papel do professor como mediador do processo e a sua formação.

As Considerações Finais põem um termo ao estudo, retomando os objetivos propostos pela pesquisa, os principais teóricos que fundamentaram o estudo, as reflexões sobre a atuação da pesquisadora, com a finalidade de argumentar como eles foram atendidos e como foi respondida a questão-problematizadora.

CAPÍTULO 1 – TEORIAS DA CRIATIVIDADE: ENTRE O MÁGICO E A COMPETÊNCIA

Diversas têm sido as discussões sobre a influência da criatividade na formação do homem atual e a sua importância para a sociedade, do ponto de vista social, cultural e econômico.

Entre essas discussões, destacam-se as de Almeida e Almeida (2012) que referenciam ser a criatividade matéria prima para as importantes transformações pelas quais a sociedade vem passando nas últimas décadas; já Sartório (2012) argumenta que desenvolver a criatividade é projetar o ser humano no futuro, permitindo que este construa novas relações com os seus pares e com o mundo que o cerca, transformando a sua realidade social; por sua vez, Sakamoto (2012) dá uma contribuição fundamental para se compreender a importância da criatividade em dias atuais: o tema figura em múltiplas áreas da vida, como no trabalho, na educação, nas artes e na comunicação.

Oliveira (2010) referencia que a criatividade é um fator preponderante no processo de mudança e de desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, devendo fazer parte da existência humana e ser incentivado nos mais diversos ambientes em que os indivíduos vivem e se relacionam.

Para Joly (2001), a criatividade tem sido enfatizada como um dos fatores de maior relevância no desenvolvimento humano, responsável pelo dinamismo da sociedade e pelo bem estar dos indivíduos, na medida em que possibilita a eles fácil adaptação ao meio; indivíduos criativos são considerados os impulsionadores da civilização, na busca de novos caminhos nas mais diferentes esferas – social, econômica, política, cultural etc.

Pinheiro (2009) relata que a criatividade tem sido objeto de inúmeras pesquisas, devido a sua reconhecida participação no desenvolvimento humano. Durante muitos séculos, ficou reconhecida como algo sem explicação, que se constituía, pela estética romântica de séculos passados, em loucura, imaginação, fantasia e originalidade.

Nos dias atuais, principalmente nas organizações de configuração capitalista, fala-se muito em “soluções criativas” direcionadas a certos problemas. O indivíduo que as apresenta promove uma verdadeira reorganização de informações, por meio

da disposição de processos cognitivos de alto nível, que fazem parte e coordenam funções básicas cerebrais (GOMES; LAPOLLI, 2014).

Essa questão da criatividade ligada ao mundo do trabalho e da produção capitalista acaba limitando o seu campo de ação, ainda que não possa ser excluída deste estudo, pois ao focar o homem integral, a formação do cidadão, os aspectos voltados para a produção e para o trabalho são também partes que compõem a formação do ser que atua e transforma a sociedade.

Uma leitura mais atenta dos autores selecionados inicialmente dá conta de levar à compreensão do papel destacável da criatividade como componente da formação humana e objeto das exigências do contexto atual, principalmente no âmbito da produção, como formação da mão de obra especializada.

As possibilidades de participação daquele que possui a característica criativa parecem se elevar a um patamar superior e promovem uma classificação entre as pessoas: as que são criativas e, por isso mesmo, movem o mundo e aquelas que não são criativas, necessitando de aprendizado de como fazê-lo.

O aprendizado pode se dar em diferentes instâncias da vida social de um indivíduo, inclusive na escola. Entretanto, é necessário que se compreenda melhor, primeiramente, o conceito de criatividade, para que se possa inclusive argumentar se é possível desenvolvê-la a partir de estímulos e quais os melhores recursos para tornar isso possível, no caso da educação escolar.

1.1 CONCEITUANDO A CRIATIVIDADE

Nos mais diferentes contextos da vida social de um indivíduo, a criatividade tem sido invocada como um atributo digno de entes diferenciados, quase um dom, uma capacidade inata que muitos almejam, mas poucos são aqueles que realmente a possuem. Questiona-se esse ponto de vista do inatismo e do “dom”, buscando aqui comprovar que a criatividade pode ser desenvolvida, enquanto conhecimentos, habilidade e atitudes, sendo a escola artífice fundamental desse processo. Entretanto, se faz necessário inicialmente conhecer o que se tem escrito e discutido a respeito do conceito de criatividade.

Brito e colaboradores (2009) tratam da criatividade como um comportamento, tanto individual, quanto de grupos sociais, que se correlaciona à atividade artística e à inovação tecnológica; assim, a criatividade se traduziria em comportamentos

criativos, os quais podem surgir na vida de uma pessoa, sendo necessária, para isso, a presença de determinados fatores, ao longo da trajetória da pessoa no mundo.

Citando outros estudos, os autores conceituam a criatividade como um conjunto de capacidades. Essas capacidades irão permitir à pessoa se comportar de formas novas e adaptativas, de acordo com os diferentes contextos em que se encontra. A criatividade também pode ser entendida como a capacidade para criar soluções, sejam elas inovadoras e apropriadas. Soluções criativas seriam, então, aquelas que (BRITO *et al.*, 2009):

- Mostram utilidade tanto ao indivíduo, quanto à sociedade;
- Demandam que ideias previamente aceitas sejam rejeitadas, em nome de outras soluções;
- São consequência do esclarecimento de questões que eram antes vagas;
- Demandam intensa motivação e persistência.

Por meio de outros estudos acerca da criatividade (MOUCHIRD; LUBART, 2000; NEWELL, 1993; STERNBER; LUBART, 1999), os autores argumentam que ela pode ser definida como um conjunto de capacidades, as quais possibilitam a um indivíduo comportar-se de uma nova e adaptativa maneira em contextos diversos; por criatividade também se reconhece a capacidade de criação de soluções que são, ao mesmo tempo, inovadoras e apropriadas (BRITO *et al.*, 2009).

Barroco e Tuleski (2007), referenciando outros autores (ZORZAL; BASSO, 2001), argumentam que a forma de se conceituar a criatividade depende de suas origens e manifestações, podendo tal conceito assumir orientações ambientalistas, inatistas ou metafísicas.

O conceito ambientalista esclarece que a criatividade é estimulada por condições ambientais, que ocorrem de modos diferenciados, segundo fatores sociais, econômicos e culturais. O conceito inatista delega à herança genética a responsabilidade pela criatividade do indivíduo, enquanto o conceito metafísico defende que a criatividade é fruto das inspirações, dons, talentos, entre outras formas transcendentais.

Contudo, independentemente da conceituação/classificação que se defenda acerca da criatividade, o certo é que essa capacidade humana de criar foi o que

possibilitou ao ser humano avançar de uma condição de espécie biológica, para uma condição de gênero humano, sujeitando “a mão selvagem a uma mente cultural” (BARROCO; TULESKI, 2007, p. 15).

Datam dessa mesma época as pesquisas de Guilford. Alencar (1974) cita os estudos de Guilford e suas obras *Factors that aid and hinder creativity* e *The nature of human intelligence*, ambas de 1967, como um dos estudos pioneiros nas pesquisas acerca da criatividade, uma vez que nos anos de 1950 foram os estudos desse autor reunidos na obra *Creativity* os iniciadores do interesse científico pela criatividade.

Os trabalhos de Guilford (1950), citados por Alencar (1974), entre outros, enfatizam que a criatividade pode ser analisada a partir das habilidades intelectuais e outros traços. As habilidades intelectuais são dependentes de uma teoria geral da inteligência, pela qual o indivíduo é capaz de desempenhar diferentes operações intelectuais.

Entre os diversos tipos de operações intelectuais do indivíduo, encontra-se o pensamento divergente, um dos fatores fundamentais para a criatividade. Trata-se da capacidade de o indivíduo gerar variedades de informações, a partir de uma dada informação, abrangendo diferentes elementos, como fluência, flexibilidade e elaboração, os quais se caracterizam (ALENCAR, 1974):

- Fluência: compreende-se como a facilidade apresentada pelo indivíduo em utilizar itens de informações, a partir das próprias informações registradas, na resolução de problemas, como estímulos ou demandas;
- Flexibilidade: significa a ausência de rigidez, sendo a base da originalidade e da engenhosidade. A originalidade, de forma particular, é presente no indivíduo quando esse demonstra a capacidade de produzir respostas inteligentes, comuns ou não usuais;
- Elaboração: capacidade demonstrada pelo indivíduo por meio da “facilidade em acrescentar uma variedade de detalhes a uma informação já produzida” (ALENCAR, 1974). Tal aspecto é demonstrado nas produções criativas, as quais “progridem de um tema ou esboço vago até uma estrutura ou sistema organizado” (IDEM, p. 62).

A relevância dos estudos de Alencar, apoiados na teoria de Guilford, está em relacionar a criatividade com as faculdades intelectuais, como memória, imaginação, raciocínio, abstração, concepção etc., fatores trabalhados na educação escolar, o que dá suporte às habilidades que podem ser aprendidas e desenvolvidas, entre as quais o pensamento divergente.

Tal concepção oferece o suporte para que a atividade escolar, focada no desenvolvimento da criatividade de seus alunos, tenha como finalidade desencadear capacidades de pensar e explorar mentalmente recursos que propiciem a eles a participação em sua realidade social.

Almeida e Almeida (2012) citam os estudos de Torrance, na obra *Rewarding creative behavior*, de 1965, teórico que também se deixou influenciar pelas ideias de Guilford. Os estudos de Torrance conceituam criatividade como um processo através do qual o indivíduo se conscientiza de um problema, uma dificuldade ou de uma lacuna nas informações, que ainda não se encontrou uma solução; então, esse indivíduo busca experiências em seus acervos ou nos de outras pessoas, formula as suas hipóteses a respeito de todas as soluções possíveis, avaliando e testando essas soluções, podendo modificá-las, reexaminá-las e, por último, comunicar os seus resultados.

Relacionando as capacidades dos indivíduos com a capacidade de solução de problemas, Torrance (1965), citado por Almeida e Almeida (2012), cita a questão das “características criativas”. São elas que posicionam o indivíduo à solução de problemas, influenciando as suas atitudes, oferecendo os instrumentos de transformação desse indivíduo. Essas características podem ser assim elencadas:

Quadro 2 – Características dos indivíduos criativos, segundo Torrance

Independência de julgamento	Confiança em si mesmo
Maior tolerância à complexidade	Fluência e flexibilidade de ideias
Espontaneidade	Ideias elaboradas e enriquecidas
Energia elevada	Uso elevado de analogias e combinações incomuns
Preferência por situações de risco	Abertura a novas experiências
Abertura aos impulsos e às fantasias	Inconformismo
Alta motivação e curiosidade	Sensibilidade externa e interna
Originalidade	Elevado senso de humor

Impulsividade e espontaneidade	Autoconceito positivo
Intuição	

Fonte: ALMEIDA; ALMEIDA, 2012, p. 5

Essas características apresentadas no Quadro 2 são consequência dos chamados testes criativos desenvolvidos por Torrance (1965, apud Almeida e Almeida, 2012) com indivíduos diante da necessidade de solucionar determinados problemas ou questões da vida prática.

Almeida e Almeida (2012) citam outros estudos que conceituam a criatividade, como o de Alencar e Fleith (2010), que a indica como fator crítico que permite a sobrevivência e a prosperidade dos indivíduos, pois é a criatividade que possibilita à pessoa identificar as oportunidades e também os problemas, bem como resolvê-los; de Duailibi e Simonsen (2009), para quem criatividade é a capacidade de formar mentalmente ideias, imagens, estruturas, sistemas, entre outras, que não estão presentes no aqui e agora, bem como dar existência a algo novo, único e original.

Com esses estudos, reforçam-se as argumentações que fazem referência à criatividade como um fator correlacionado à inteligência, uma vez que todos eles receberam a influência de Guilford, a exemplo do próprio Torrance, que, por sua vez, também influenciou diversas outras pesquisas que enfatizaram a interdependência de criatividade e inteligência.

Wechsler e colaboradores (2010), por meio de uma pesquisa, demonstraram que não existe um limiar intelectual, onde a criatividade poderia ser esperada com maior ou menor intensidade e que ambas (inteligência e criatividade) são fatores essenciais do funcionamento cognitivo de um indivíduo, sendo independentes, porém, se inter-relacionando.

Neste estudo, essa interdependência é o que interessa, porque acredita-se que a criatividade é inerente a todo indivíduo, sendo possível a todos desenvolverem o seu potencial criativo, dependendo dos estímulos que lhe forem proporcionados durante toda a sua vida, fazendo eco para os estudos de Torrance (1965), citados também por Wechsler e colaboradores (2010).

Gardner (1995) trata da inteligência como um atributo de todos os indivíduos, inerente a todo ser humano e que acaba por diferenciá-los, já que não existem duas

peças que tenham exatamente o mesmo perfil; em face dessa variedade de perfis, pode-se identificar determinados tipos de inteligência mais desenvolvidos em uns, que em outros. Esses tipos de inteligência podem ser classificados em sete grupos principais: linguística, lógico-matemática, espacial, musical, cinestésica, inter e intrapessoal.

- Linguística: capacidade do indivíduo em fazer uso da linguagem escrita e oral para, entre outros, utilizar no processo de informação;
- Lógico-matemática: capacidade de utilizar o pensamento lógico para estabelecer relações e hipóteses, além de trabalhar com conceitos abstratos;
- Espacial: capacidade para criar imagens internamente, visualizando objetos e dimensões espaciais;
- Musical: capacidade de distinguir os sons, podendo criar, interpretar e apreciar música;
- Cinestésica: capacidade de o indivíduo conhecer e utilizar o seu próprio corpo, controlando os seus movimentos no espaço-tempo;
- Interpessoal: capacidade de o indivíduo compreender as intenções, desejos e motivações do outro;
- Intrapessoal: capacidade para se autoavaliar, compreendendo suas próprias intenções, desejos e motivações.

Brito e colaboradores (2009) argumentam que em todos os sete grupos que classificam as inteligências, o indivíduo pode exprimir comportamento criativo, uma vez que diferentes fatores desse comportamento inteligente, sob a análise da neuropsicologia, são consequência do uso difuso das inúmeras regiões do cérebro e, ainda, de sistemas específicos, os quais controlam os variados modos de comportamentos, cooperando para a realização de determinadas tarefas.

Mais uma vez os estudos a respeito da inteligência levam a crer que o potencial criativo pode ser desenvolvido em todo indivíduo, à medida que esse é estimulado. Ainda que, segundo a leitura da obra de Gardner (1995), as pessoas apresentem tipos diferentes de inteligência, uma não será maior ou menor que outra, dependendo do contexto em que ela manifesta-se.

Assim, vai se construindo o conceito de criatividade neste estudo a partir das teorias apresentadas: como a capacidade criadora de todo indivíduo, disponibilizada

na solução de problemas úteis para o ser humano e para sociedade. Tal a capacidade se vale de novas soluções, descartando as ideias previamente aceitas, imprimindo motivação e persistência para o alcance das soluções cotidianas.

Por sua vez, essas soluções que o indivíduo realiza a partir do seu próprio acervo de informações, assim como de outras pessoas, em respostas inteligentes, comuns e não usuais, se transformam em informações para novas utilizações em novos contextos.

1.1.1 Breve contexto histórico

Os estudos acerca da criatividade abrangem também o percurso histórico do conceito, uma vez que a história mostra as diferentes concepções de homem e sociedade vigentes em suas diferentes fases. Essa incursão é necessária para uma reflexão de como na atualidade, dependente dos fatores sociais, culturais e históricos, o conceito de criatividade é visto e qual o papel que ocupa nesse espaço temporal.

O percurso histórico da criatividade é a própria história dos estudos acerca de seu conceito. Cronologicamente, deve-se à Guilford, na década de 1950, o início dos estudos teóricos a respeito da temática (ALENCAR, FLEITH, 2003).

Entretanto, desde os tempos da Antiguidade Clássica, sobretudo na Grécia, o homem evoca o chamado “espírito criativo”, que “toma” poetas, músicos e outros artistas, inspirando-os a produzir as mais impressionantes obras que constam no acervo histórico da humanidade (LUBART, 2003).

Escritos sobre a criatividade aparecem na Grécia Antiga e no Império Romano e Idade Média. Nesse último período, com a forte influência da Igreja Católica, as discussões sobre a criatividade como potencial humano se calaram, retornando com o advento do Renascimento, em fins do século XIV, perdurando até final do século XVII (LUBART, 2003).

De acordo com Becker (1995), referenciado por Lubart (2003), no século XVIII iniciam-se debates no âmbito da filosofia acerca do gênio, especificamente, o gênio criativo. Há uma diferenciação entre gênio criativo e talento, sendo esse último relacionado a uma performance superior, que, no entanto, não demanda um pensamento original. Por sua vez, o gênio criativo demandaria a utilização de

capacidades inatas para o uso da imaginação associativa, na combinação de ideias, julgamentos, para evolução daquilo que fora produzido.

Para Wechsler e colaboradores (2010), citando as pesquisas de Albert e Runco (1999), a noção dominante durante todo esse período, até o século XIX, é de que a ideia surge de modo progressivo, sendo a criatividade uma disposição excepcional de indivíduos geniais, que nada teria a ver com o talento, mas consequência de fatores genéticos e condições ambientais. Dessa forma, a criatividade perde o seu caráter mágico e sobrenatural de séculos anteriores e se assenta na noção de genialidade e seres excepcionais capazes de associar ideias para a produção de algo.

O início do século XX traz uma profusão de estudos acerca da criatividade. De acordo com Lubart (2003), destacam-se os de Toulouse, Binet, Simon, Spearman e Freud. Toulouse, estudando escritores eminentes da época, buscou compreender se havia qualquer traço de fragilidade psicológica por detrás da criatividade daqueles “gênios”; Binet, em parceria com Simon, a partir de estudos de caso baseados na produção literária, considerou o pensamento criativo como parcela da inteligência.

Foram Toulouse e Binet os dois estudiosos que criaram a escala de inteligência, com a função de medir a imaginação criativa. Spearman teorizou a respeito do espírito criativo, procurando reconhecer a origem da criatividade na capacidade intelectual do indivíduo em formar correlações entre ideias diversas (ID., 2003).

Sigmund Freud teorizou que a criatividade era capacidade resultante da tensão entre realidade consciente e pulsões inconscientes, sugerindo que artistas e escritores criam com o objetivo de conseguir expressar os seus desejos inconscientes, que podem ser de amor, poder, sexo, entre outros, por meio de recursos socialmente aceitáveis, como a arte e a literatura (IBID., 2003).

A noção de criatividade foi se sofisticando a partir da segunda metade do século XX, com o desenvolvimento de novas abordagens. Em 1950, Guilford desenvolve os seus trabalhos e testes em três momentos distintos. No primeiro, o autor teoriza que a criatividade demanda diversas capacidades intelectuais que permitem, entre outras, detectar problemas; no segundo momento, Guilford elabora

o conceito de operações intelectuais, que aplicadas aos diversos tipos de informações, produzem certo resultado. Nesse âmbito, a criatividade se fundamenta sobre diferentes operações mentais, em especial, sobre o pensamento divergente, que se traduz como a capacidade de o indivíduo encontrar um número expressivo de ideias a partir de um estímulo único (ALVES; CASTRO, 2015).

Finalmente, no terceiro momento, Guilford elabora o modelo de estrutura do intelecto para a solução de problemas, que abrange as operações intelectuais do indivíduo em função da detecção e solução de questões da vida prática. Tais situações oferecem desafios à sistemática das operações intelectuais e, conseqüentemente, à criatividade (LUBART, 2003).

As pesquisas de Guilford provocaram uma verdadeira revolução nos estudos acerca da criatividade e influenciaram diversos outros estudiosos a partir da segunda metade do século XX. Entre esses, destacou-se Torrance (1965), que aprimorou os testes de criatividade e aprofundou as suas investigações a respeito das interdependências existentes entre criatividade e inteligência, teorizando que todo indivíduo pode desenvolver o seu potencial criativo (WECHSLER *et al.*, 2010).

Nos dias atuais, os estudos acerca da criatividade se concentram na seara da psicologia e produzem resultados para o uso em outras áreas do conhecimento e na realidade social das pessoas. Desse modo, as produções teóricas sobre criatividade têm sido aproveitadas na área educacional, econômica, artística, científica, entre outras.

Atualmente, destacam-se os estudos que tratam a criatividade como fenômeno multidimensional e complexo, daí as tentativas de configuração multifacetada que buscam conceituá-la. Contudo, Wechsler e Nakano (2002), referenciam que esse conceito, a despeito da ampliação de suas explicações, pode ser ajustado a uma definição consensual e mais generalizada: a de que se trata dos resultados da interação entre os processos cognitivos, as características da personalidade, as variáveis ambientais, os fatores inconscientes e as formas de avaliação das diferentes dimensões do fenômeno criativo.

Compreende-se que neste século XXI, a criatividade passa a ser considerada sob o aspecto de qualidades pessoais que se articulam com os fatores sociais, históricos e culturais do indivíduo, além da consideração do contexto, isto é, o

ambiente em que esse se insere e o grau de estímulos que recebe durante todo o seu percurso de vida.

Além disso, a criatividade também é analisada a partir dos diferentes contextos sociais em que se manifesta. Desse modo, se tem uma criatividade artística e uma criatividade científica, por exemplo; uma criatividade que se utiliza para a solução de questões voltadas para a vida social e outra para aquelas relacionadas ao mundo do trabalho, ao sistema produtivo e à acumulação do capital.

1.2 DIFERENTES CONTEXTOS DE MANIFESTAÇÃO DA CRIATIVIDADE

A dependência do contexto em que a criatividade de um indivíduo é invocada pode levar a constatação de que há diferentes tipos de criatividade e, conforme a instância de interação em que o indivíduo se encontrar, determinada espécie de criatividade será exigida.

De acordo com Pinheiro (2009), pode-se falar na existência de tipos de criatividade e seus usos. Em seus estudos, o autor faz uma diferenciação entre a criatividade artística e a criatividade científica, por exemplo, para demonstrar como essas são utilizadas nos contextos que lhe são particulares.

Neste trabalho, utilizam-se esses estudos para demonstrar que não existem diversas criatividades, mas sim capacidades para cada tipo de contexto, quais sejam:

– **Contexto social**

Sakamoto (2012) argumenta que se vive atualmente em uma sociedade global, a qual impõe novos parâmetros de entendimento e relacionamento, que desafiam a criatividade humana. Os antigos paradigmas do pensamento positivista já não são mais suficientes para explicar e antecipar os fenômenos da realidade social, da produção do conhecimento, da construção e da acumulação de riquezas da área produtiva, bem como da construção das relações de trabalho e educacionais.

As novas exigências do homem fundaram novos modos de produção, novas formas de se pensar, de se relacionar e fazendo emergir um novo panorama da vida humana. Atualmente, os fragmentos da realidade – um exemplo, é a interatividade nas redes sociais – indicam transformações nos modos de comunicação entre as

peças, que representam saltos na sistemática do relacionamento e convivência (SAKAMOTO, 2012).

O século XXI tem instigado os homens a apresentarem uma adequada adaptação às exigências da realidade, a qual se configura por “contornos setorizados, que convoca todas as nossas possibilidades de pensamento e sentimento que são levados a se desenvolver em ritmo crítico e em sintonia com parâmetros mundiais.” (SAKAMOTO, 2012, p. 92).

Na análise desse contexto de transformações, Alencar (2010) argumenta que nunca o mundo exigiu tanta criatividade, quanto atualmente. O conceito tem participado cada vez mais do cotidiano, em diferentes espaços sociais e também no campo científico; esse crescente interesse pela temática tem se infiltrado nas múltiplas esferas da vida social: nas empresas, que demandam trabalhadores criativos; no sistema educacional, em que programas de ensino destacam a criatividade como aspecto imprescindível para a aprendizagem; nas artes, na comunicação, áreas que valorizam cada vez mais as expressões criativas.

– **Contexto das organizações capitalistas e do mundo do trabalho**

No mundo das organizações capitalistas, a criatividade tem sido correlacionada ao conceito de inovação, isto é, à geração de novas ideias. Braia, Curral e Gomes (2014) argumentam que o paradigma transformou-se: em tempos mais antigos, as organizações tinham condições de responder às necessidades do mercado quase sempre utilizando a mesma fórmula; em dias atuais, a reinvenção constante é um fator de manutenção nesse mercado. O mundo globalizado levou as organizações a se depararem com o aumento vertiginoso da concorrência; é nesse contexto de desafios incessantes que a criatividade tem sido invocada como aspecto precípuo de sustentabilidade e competitividade das organizações.

Braia, Curral e Gomes (2014) citam alguns estudos (STERNBERG, 2012; WILLIAMS; YOUNG, 1999) para inferir que as organizações, para se manterem competitivas e sobreviverem no mercado, deverão mostrar-se capazes de produzir inovação, bem como estarem receptivas a ela. Os indivíduos, nesse panorama, são partes fundamentais do processo, uma vez que estes são os seres criativos capazes de disponibilizarem recursos intelectuais para a resolução de problemas, tomada de

decisões, pesquisas, desenvolvimento de novos produtos, serviços e mesmo métodos de trabalho.

– **Contexto da educação escolar**

Nakano (2009) reflete que mesmo com o destaque que o tema criatividade vem ganhando nas últimas décadas em diversas áreas da sociedade, a instituição escolar, apesar do reconhecimento de seu papel fundamental no desenvolvimento da expressão criativa de seus alunos, muito pouco tem se esforçado para proceder à rigorosa avaliação sobre a extensão com que a criatividade é estimulada ou inibida em seus processos pedagógicos.

A autora cita diversos trabalhos (AMABILE, 1983; FLEITH; ALENCAR, 1992; WECHSLER, 1998) para sustentar que a criatividade, enquanto um fenômeno de características multidimensionais, sofre influências de diversos fatores – cognitivos, afetivos, ambientais e sociais –, sendo, pois, consenso entre os estudiosos de que a escola deveria ser o local privilegiado em que a criatividade fosse estimulada e desenvolvida. Contudo, o sistema educacional, nos moldes como se encontra estruturado, não estimula ou valoriza a formação de indivíduos criativos: o aluno ainda é visto como o sujeito passivo do processo educacional, o que embota o seu potencial criativo (NAKANO, 2009).

A percepção de que a escola não cumpre o seu papel como incentivadora e provocadora do potencial criativo de seus alunos é uma preocupação em nível mundial, não se resumindo ao Brasil. Diversas pesquisas têm sido realizadas internacionalmente com o intuito de indicar a necessidade de promoção de condições favoráveis para que a expressão criadora aflore, a partir do trabalho pedagógico, visando a que o potencial criativo presente em cada indivíduo tenha condições de se desenvolver de modo adequado (NAKANO, 2009).

O papel do professor tem sido cada vez mais destacado, na importância desse profissional se familiarizar com os aspectos distintivos do pensamento criativo, conhecer a forma por meio da qual a capacidade criativa do ser humano se desenvolve, identificando comportamentos e estimulando os alunos (MORAES; NAVAS, 2015).

Nakano (2009) cita os trabalhos de Amabile (1983) e Cropley (1999) para enfatizar a função do ambiente no desenvolvimento do potencial criativo dos

indivíduos, o que leva à compreensão do importante papel que a escola e a sociedade desempenham, enquanto influenciadoras de diversos comportamentos, podendo desempenhar, ainda, o papel de estimuladoras, recompensadoras, repressoras ou punidoras de comportamentos. Ambientes repletos de normas, regulamentos e pressões ao conformismo agem como inibitórios do processo criativo, na medida em que estimulam determinados comportamentos e bloqueiam outros.

Os jovens considerados criativos não permaneceram sozinhos em sua infância: eles tinham contato com outras pessoas, geralmente mais velhas e experientes, que lhes deram suporte, permitindo um desenvolvimento mais flexível e a possibilidade de eliminar bloqueios ao seu potencial criativo (NAKANO, 2009). A escola pode possibilitar interações dessa espécie, na medida em que comporta a diversidade em seus intramuros.

Nesse capítulo, buscou-se relacionar as principais teorias que tratam da criatividade, procurando excluir desse conceito o caráter de atributos mágicos ou de dom que somente poucos seres humanos seriam dotados; também se procedeu a uma breve contextualização histórica e os diversos contextos sociais em que a capacidade criatividade tem sido exigida em dias atuais.

CAPÍTULO 2 – A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

Conforme mencionado no capítulo 1, a criatividade tem sido invocada em diferentes setores da vida humana, levando os indivíduos a apresentarem habilidades criativas, uma espécie de inteligência prática, que deverão ser mobilizadas para utilização em conformidade com o ambiente em que se encontram.

Assim, fala-se de criatividades artísticas, próprias da produção e expressão artística; da criatividade científica, responsável por alavancar as descobertas na área das ciências e da tecnologia; da criatividade social, da criatividade escolar, da criatividade do mundo do trabalho, entre outras.

Sartório (2012) propõe um estudo da criatividade a partir do entendimento de que ela é uma qualidade do homem, fundamental para o seu desenvolvimento e a sua vida em sociedade. Isso porque é por meio da criatividade que os homens tecem alternativas, em busca de soluções para determinadas complexidades de sua realidade.

A criatividade é a qualidade humana que tece alternativas, que encontra a saída esperada – novidade salvadora de alguma individualidade sagaz, dedicada, ágil, inteligente –, e, por isso, sua manifestação se constitui como essencial aos indivíduos, especialmente em períodos de crise tão profunda como esta que atravessamos (SARTÓRIO, 2012, p. 109).

Percebe-se o quanto a criatividade é importante e como ela funciona como mecanismo de integração do homem em seu contexto, como fator fundamental da transformação de sua realidade social. Entretanto, exteriorizar a criatividade não é algo livre de complexidades, pois tal processo se relaciona à necessidade humana de aprimorar as suas capacidades de sentir e pensar a vida, já que tal capacidade é consequência da visão ampla, da percepção das dinâmicas sociais, políticas e culturais.

Sakamoto (2012) acrescenta que o mundo atual configura-se como mais complexo e reflete a riqueza da diversidade humana e as suas inúmeras possibilidades de ação, tornando-se um mundo mais criativo. Hoje, é possível, por exemplo, se apreciar diversas expressões singulares das manifestações científicas e artísticas que perpassam pela vida sociocultural e contemplar, cotidianamente,

mudanças nos costumes da sociedade globalizada, a qual constrói “uma linguagem miscigenada de palavras de todo o mundo” (IBID., p. 92).

Ainda de acordo com a autora, a realidade contemporânea instiga os indivíduos a apresentarem adequada adaptação a um exigente contexto. Esse contexto demonstra possuir características setorizadas e convoca todas as possibilidades de pensamento e sentimento dos indivíduos, os quais são levados a se desenvolver em um ritmo crítico e em sintonia com os parâmetros mundializados, consequentes, em grande parte, da globalização (SAKAMOTO, 2012).

Isso faz com que seja demandada, cada vez mais, maior criatividade dos indivíduos, uma vez que diante de uma realidade globalizada, em que os movimentos de renovação e transformação ocorrem incessantemente, não é possível que se viva somente no presente, sendo quase que obrigatório vislumbrar as possibilidades futuras, antecipando o próprio futuro, para que se encontre as alternativas de se viver no presente (SAKAMOTO, 2012).

As mudanças que vêm ocorrendo no mundo, tal qual apontado acima, são responsáveis pela necessidade dos indivíduos desenvolverem a sua criatividade. De acordo com Alves e Castro (2015, p. 51), as transformações de maior visibilidade refletem no cotidiano das pessoas e, como consequência, produzem “modificações marcantes na afetividade, socialização e estratégias de sobrevivência”, o que obriga a trazer à tona novas subjetivações. Tal condição – o enfrentamento de um mundo mutante e a convivência com ele – é justamente o que leva a um patamar de importância maior o tema da criatividade.

Em dias atuais, são condições essenciais para se compreender o mundo e para agir sobre ele a fluência, a flexibilidade e a originalidade, fatores que se juntam à criatividade, à inventividade e à capacidade de produzir com efeitos de novidade, tais elementos se tornam comuns a todos os sujeitos, ainda que se tenham produções que sejam mais socialmente valorizadas que outras (ALVES; CASTRO, 2015).

Dessa forma, do mesmo modo que se procura desenvolver diversas competências nos indivíduos, é fundamental que também se estimule o desenvolvimento da criatividade, nas mais diversas esferas da realidade deles:

família, escola, trabalho, ambientes diversos de socialização, nos relacionamentos afetivos, na utilização dos recursos tecnológicos, entre tantas outras.

2.1 A CRIATIVIDADE COMO COMPONENTE DO TORNAR-SE PESSOA

Enfatizamos anteriormente as transformações do mundo contemporâneo como o fator mais importante para a necessidade do despertar do indivíduo criativo, tendo como parâmetros a necessidade dele viver e atuar sobre esse mundo. Segundo Alves e Castro (2015), a contemporaneidade tem se valido das contribuições variadas de uma ampla gama de talentos individuais para se mostrar cada vez mais expressiva.

Ainda de acordo com as autoras, tal noção evoca o valor de se atentar para a importância de reflexões que tratam da relação entre o indivíduo e o seu ambiente no desenvolvimento da atividade criativa, processo fundamental para a construção do mundo humano. Essa questão traz à tona o pensamento dialético de que o homem é produto de seu contexto e ele, por sua vez, é construído por esse homem, que nesse movimento, “transforma o mundo e por ele é transformado” (ALVES; CASTRO, 2015, p. 94). Essa dialética é o ponto central das discussões em torno do tornar-se pessoa pelos seres humanos.

De fato, diversos estudos atribuem à relação do homem com o seu meio (a cultura) e os seus pares a responsável pelo seu processo de humanização (AITA, 2011; RODRIGUES, 2001; SAVIANI, 2004). O homem nasce um ser, como qualquer outro e se torna homem ao aprender e apreender os mecanismos que estruturam a sua forma de agir e pensar.

Para Aita e Facci (2011), citando os estudos de Leontiev (1978), o desenvolvimento e constituição do homem é um processo histórico e social, pois o homem se define por sua natureza social, sendo que tudo que ele possui de humano é consequente de sua vida em sociedade, dentro da cultura elaborada e acumulada pela humanidade.

De forma sucinta, o homem só se torna homem, isto é, se humaniza, a partir da apropriação dos mediadores construídos na cultura, estruturada pelos conhecimentos organizados pela humanidade no percurso de seu desenvolvimento social e histórico. O indivíduo aprende a ser homem, na medida em que não

consegue sobreviver em sociedade com aquilo que a natureza lhe prouve quando de seu nascimento (AITA; FACCI, 2011).

Conforme Saviani (2004), as gerações que começam a sua vida o fazem em meio a uma profusão de significados e de objetos que foram construídos pelas gerações anteriores, os quais são apropriados por estas gerações presentes. Nesse processo, torna-se fundamental a relação que o homem estabelece com os seus pares, uma vez que ele se humaniza a partir da incorporação de formas de comportamento e ideias construídas por gerações anteriores e que são retrabalhadas por ele e por aqueles com quem convive, servindo como peça importante na construção de sua própria subjetividade.

Segundo Aita e Facci (2011, p. 35):

[...] o sujeito desenvolve as características especificadamente humanas à proporção que internaliza o trabalho social, o modo de pensar e agir cristalizado na sociedade na qual está inserido. Sem o processo de transmissão de conhecimentos e de comunicação, seria impossível a continuidade do processo histórico, visto que as gerações seguintes não teriam acesso ao desenvolvimento histórico-cultural da humanidade.

Tais noções são importantes neste trabalho, pois se acredita ser a criatividade um mecanismo de interação entre homem e mundo, uma vez que, de acordo com a opinião de Sartório (2012), é por meio dessa capacidade que os homens atuam, tecendo as alternativas, em seu contexto social, para integrar-se a ele e transformá-lo, sendo, dialeticamente, também transformado por tal contexto. Assim, desenvolver a criatividade nos seres humanos é fornecer-lhe mecanismos de atuação em seu mundo.

Alves e Castro (2015), citando estudos de Ostrower (2012), argumentam que a criatividade é um potencial inerente ao ser humano e a sua realização surge como uma necessidade, pois criar e viver são fenômenos interligados. A criatividade surge do próprio contexto cultural, no qual necessidade e valores culturais tomam forma a partir dos valores da vida e processos criativos se dão na interligação dos níveis individual e cultural da existência humana.

O homem desenvolve e expressa o seu potencial criativo diante da possibilidade de dar forma a algo novo. Tal processo acaba por abranger as capacidades de compreender, relacionar, ordenar, configurar e significar do homem,

que se motiva a criar por causa justamente dessa “busca por ordenações e significados” (ALVES; CASTRO, 2015, p. 55).

Em seu percurso no mundo, o homem desenvolve-se como um ser consciente, sensível e cultural, em que os dois primeiros aspectos são determinantes para que se estabeleça o último. Desse modo, o ato criativo só terá qualquer sentido ao se configurar como intencional e consciente, sendo a sensibilidade a faculdade essencial para apreensão das sensações, elementos essenciais para se perceber o mundo a sua volta (ALVES; CASTRO, 2015).

Sartório (2012) referencia a relação entre sensibilidade e desenvolvimento da criatividade no homem, argumentando que quanto mais desenvolvida, ou seja, estimulada a sensibilidade, maior será o potencial criativo do indivíduo. Reforça, ainda, que a criatividade não é atributo genuíno individual, mas desenvolve-se na relação com outros homens.

A autora cita os estudos de Karl Marx, em sua obra *Manuscritos econômico-filosóficos* (1989), para sustentar que o homem adquire a sua humanidade por meio das relações sociais, as quais lhe permitem apropriar-se das conquistas históricas e aprender a ouvir, falar, sentir e, de forma geral, desenvolver a sua sensibilidade. É na relação com o mundo que o homem torna-se homem (SARTÓRIO, 2012).

Os sentidos também são desenvolvidos e educados a partir da interação em sociedade, o que permite concluir que é na relação com outros homens que é desenvolvida a capacidade de sentir e de pensar o mundo. Cada órgão do sentido é específico e possui a sua própria qualidade, isto é, o que um objeto é para os olhos, não é para as mãos ou ouvidos. Assim, cada uma das qualidades dos diferentes sentidos precisa se aprimorada e desenvolvida para, por exemplo, “estimular [...] o olhar que admira uma obra de arte, o ouvido sensível que escuta a nota musical de um instrumento [...]” (SARTÓRIO, 2012, p. 110).

Chasin (2003) escreve que o homem é um ser integral e se manifesta em sua integralidade, não de forma parcial, o que leva à compreensão de que a sua relação com o mundo não ocorre de modo unilateral – pela razão ou pelo sentido. Ao contrário: essa relação se dá tanto pelos órgãos dos sentidos, quanto pelos sentimentos, pela razão e pela linguagem, capacidades que se desenvolvem nas próprias relações sociais.

A capacidade dos homens interagirem entre si, apropriando-se do conhecimento historicamente acumulado pelas gerações passadas, dá origem à criatividade. Por isso se torna essencial que os indivíduos se apropriem do patrimônio artístico, científico e cultural acumulado e sistematizado pela humanidade (SARTÓRIO, 2012).

Por isso, Chasin (2003) não aparta o desenvolvimento da criatividade como aspecto da formação do indivíduo integral e do processo do ser humano tornar-se pessoa. Nesse ponto de vista, é fundamental que a criatividade seja estimulada por meio da interferência do homem em sua realidade e da reconquista dos espaços de formação artística, científica, humanística e cultural, proporcionando o contato e estudo das artes em geral – literatura, música, línguas etc.

A autora afirma, ainda, que tal meta pode ser concretizada por meio da educação, uma vez que tal processo agrega em si as condições para reflexão, por parte dos indivíduos, de sua própria existência, o que representa um momento singular no qual ocorre a apropriação do conhecimento socialmente produzido e acumulado e a percepção da relação irrestrita entre indivíduo e sociedade (CHASIN, 2003).

Enfim, é no processo de interação do homem com o seu meio, transformando e sendo transformado por esse meio, produzindo as condições de sua existência, imerso na cultura e apreendendo os conhecimentos – artísticos, filosóficos, científicos e culturais – que o ser humano vai se constituindo enquanto pessoa. É também nessa relação que se desenvolve a criatividade, pois essa capacidade depende do acervo cultural e de conhecimento que foi acumulado pela humanidade em seu percurso histórico pelo mundo.

Desse modo, pode-se afirmar que no processo de constituir-se como pessoa, um ser integral, que se caracteriza como aquele que pode apreender a realidade, tanto por meio da sensibilidade, quanto da razão, o homem obtém os elementos para desenvolver o seu potencial criativo, que surge como uma capacidade essencial para que ele possa intervir em sua realidade, elaborando alternativas que lhe permitem adaptar-se ao seu contexto.

2.2 A CRIATIVIDADE E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO

Tendo como base as argumentações que destacam a criatividade como produto da relação do ser humano com o mundo, processo esse que o constitui como pessoa, a partir da imersão e apreensão da cultura, esse tópico buscará analisar como, por meio da ação do homem em seu contexto, ele vai apreendendo as questões de sua realidade e posicionando-se criticamente frente a ela, no ato de transformá-la e ser transformado por ela.

Dessa forma, atribui-se o conceito de formação do cidadão como aquele processo capaz de desenvolver o indivíduo com capacidade de se posicionar de forma crítica perante a sua realidade social, exercendo a sua cidadania. Segundo Rodrigues (2001), o exercício da cidadania abrange duas ações interdependentes: uma, em que o indivíduo participa “em todos os aspectos da organização e da condução da vida privada e coletiva”; e outra, que abrange a capacidade desse indivíduo em “operar escolhas” (IBID., p. 238).

O exercício da cidadania pressupõe a liberdade, a autonomia e a responsabilidade do indivíduo para participar da organização da vida social, a qual, por sua vez, deverá assegurar a todos que exercem a sua liberdade e responsabilidade. Em outras palavras, a prática da cidadania deverá operar a demolição de todas as interdições que obstam a construção de espaços de liberdade à ação do cidadão (RODRIGUES, 2001).

Tais espaços são o *locus* onde o cidadão erige o seu modo de ser e de se expressar. Os cidadãos, munidos dos instrumentos da cidadania, tornam-se construtores de formas organizativas e de ação na vida pública. Essa forma de organização social e de ação política denomina-se Democracia (IBID., p. 238).

A Democracia representa a forma como os seres humanos, portadores de autonomia, liberdade e responsabilidade, articulam as inúmeras vontades e capacidades individuais e coletivas, com o fim de construção de modos de vida que permitam a eles “o mais alto grau possível de exercício de sua liberdade, em um espaço público.” (IBID., p. 239).

Bonin (2008) cita os trabalhos de Paulo Freire, que apresentam um projeto de desenvolvimento da cidadania através da educação, no qual os indivíduos devem

apropriar-se de sua realidade, refletir sobre o mundo circundante, a fim de que possam se libertar das opressões.

Entretanto, tais atos deverão se fundamentar na liberdade e autonomia, para possibilitar o exercício de uma ação política de um autêntico cidadão. Nesse processo, o conhecimento da cultura também é essencial, principalmente em relação ao desenvolvimento da autoestima. Para que se efetive a liberdade, autonomia e autoestima como prerrogativas do tornar-se cidadão, é imprescindível que os indivíduos tomem conhecimento das instituições sociais, posicionando-se frente elas de modo crítico, além de “saber se expressar e codificar o mundo pela escrita e decodificar o que está a seu alcance” (BONIN, 2008, p. 93).

Em sua obra *Educação como prática da liberdade* (1967/1999), Paulo Freire afirma que a criatividade se expressa como característica humana e transcende a um estado de libertação do homem; reside na condição humana de pensar e agir de forma crítica; de reflexão e de tomada de decisão consciente e comprometida com o coletivo. A criatividade, ao lado do conhecimento, da liberdade e da democracia é um valor fundamental para estimular a reflexão, a partir da realidade cotidiana, contra qualquer forma de autoritarismo.

A criatividade é uma dos princípios basilares da *educação popular* proposta por Paulo Freire, no desenvolvimento de sujeitos críticos, autônomos e conscientes de seu momento social e histórico. O conceito de criatividade na perspectiva freireana supera aqueles constituídos historicamente, que atribuem tal capacidade a um dom, mágica, bruxaria ou loucura, e contraria outros que relacionam a somente a criatividade à inteligência.

O autor atribui essa capacidade ao processo de emancipação democrática de homens e mulheres, sendo que a ação criativa desses indivíduos toma corpo na medida em que as interações humanas sejam direcionadas pelo engajamento afetivo próprio de cada um (FREIRE, 1967/1999).

Nesse panorama, a ação criativa expressa os argumentos de outros elementos – pluralidade, transcendência, criticidade, consequência e temporalidade das relações entre homens, os “sujeitos em libertação”. A educação desempenha um papel essencial nesse processo, direcionando a ação criativa, uma vez que não

será qualquer expressão de criatividade que converterá a ação do homem em “*práxis* emancipatória” (FREIRE, 1967/1999, p. 53).

Dessa forma, retomam-se as discussões feitas no princípio desse capítulo, quando argumentou-se que a criatividade é uma forma de o homem estar no mundo, interagindo e produzindo cultura. Freire (1967/1999) referencia a cultura como consequência da produção humana, que exige conhecimento e cidadania que tornem essa produção um constante criar e recriar.

A educação popular, proposta de Freire, se apoia no agir criativo, como produção da *práxis* libertadora. Nessa questão, a criatividade implica na capacidade do homem para pensar e tomar decisões, em face da dinamicidade que o agir dialético coloca, diante da diversidade dos desafios captados. Não é possível desvincular a criatividade da complexidade que constitui as relações humanas, afastando-a “do humano no processo de humanização da humanidade” (FREIRE, 1967/1999, p. 54).

Entende-se, baseado nas argumentações propostas nesse capítulo, que a criatividade é um conceito muito mais amplo que a mera apropriação feita pelo mercado de trabalho e pelas organizações do sistema produtivo capitalista. A criatividade humana reduzida à aplicação de habilidades aos processos de trabalho é um universo micro da existência humana.

O que se depreende desses estudos é que a criatividade é uma capacidade que leva o homem se inserir em seu contexto social e histórico, munido de mecanismos que lhe permitam o enfrentamento das adversidades que as próprias condições de vida lhe impõem. É preciso que se situe historicamente tal contexto: repleto de desigualdades sociais e econômicas.

Assim, ao buscar fundamentação nos estudos de Paulo Freire, pretende-se justificar a ação educativa como mecanismo transformador das próprias relações, processo que deverá contar com outros elementos, entre os quais a criatividade. É essa capacidade que permite ao homem buscar alternativas em seu contexto, inserir-se em sua cultura, apreende-la e proceder à reflexão crítica, buscando enfrentar e modificar a sua realidade.

Contudo, mencionar o trabalho como a atividade principal do homem é importante para este estudo, pois essa forma de atividade permitiu que indivíduos,

homens e mulheres, se distinguíssem dos animais. Por meio do trabalho, o homem interage com os seus pares e com a natureza que o rodeia, transformando-a e sendo transformado por ela, processo pelo qual o homem produz as condições de sua existência e torna a história humana grandiosa e repleta de feitos.

2.3 TRABALHO E CRIATIVIDADE

O trabalho, segundo mencionado, é a atividade principal do homem. Entretanto, fala-se da atividade pela qual o homem transforma a natureza e nesse processo, produz as suas condições de vida e a cultura. De acordo com Sartório (2012), o trabalho é a expressão singular da criatividade humana, que continuamente processa invenções a fim de melhorar os seus processos.

Contudo, é preciso afirmar que não está se tratando do trabalho alienado, apropriado pelo capitalismo como fonte de produção de riquezas e desigualdades, mas o trabalho que é a atividade pela qual os homens retiram da natureza, transformando-a, as condições para a sua existência e que, conforme Sartório (2012), é a exteriorização da subjetividade do homem, através da qual ele produz os instrumentos, adequando o mundo às suas necessidades e dá a forma humana à natureza.

Para Engels (1952/2004), o homem é um ser social e passa a existir como homem através do trabalho, uma vez que, ao iniciar a produção de seus meios de subsistência, o homem também dá início: à construção de si mesmo e do mundo, num processo ininterrupto e historicamente localizado e à construção de sua subjetividade, a qual se transforma nas relações sociais.

Sartório (2012) argumenta que ao desenvolver a arte, por exemplo, o homem manifesta a sua atividade sensível. Entretanto, essa atividade também está presente na produção do conhecimento e dos meios para a sua existência. Veras (2009, p. 4) complementa esse ponto de vista, mencionando que ao realizar essas atividades, o homem utiliza o seu raciocínio e intuição e vive experiências; são justamente essas experiências que permitem que a criatividade se exponha, pois ela é demandada por um “estado de constante insatisfação e de contínua opção” do indivíduo em relação ao seu meio.

Esse estado de insatisfação retoma o sentido de trabalho como a atividade do homem na produção das condições de sua existência, pois essas se desenvolvem e

se tornam mais complexas no percurso da história. Tal questão produz um movimento contínuo e incessante de necessidade de criação no homem, pois o ato de criar surge da necessidade. Desse modo, o homem adentra nesse movimento contínuo, o qual produz a sua subjetividade e lhe garante as experiências, nas quais ele vai se constituindo enquanto um ser criador (VERAS, 2009).

A constituição do homem em um ser criador devolve-lhe a consciência de si e de sua criatividade, para só depois levá-lo a aceitar a sua condição de ser humano. No entanto, em tempos atuais, em que o capitalismo a tudo deturpa em nome da produção de riquezas, essa condição do homem também é alienada, assim como ocorre com o seu trabalho. No dizer de Sartório (2012, p. 122):

[...] sob a formação das classes sociais, o trabalho também passou a se constituir como meio de dominação, problema ainda mais aprofundado no sistema capitalista, circunstância em que ocorre a completa retirada dos meios de existência do trabalhador. Sob o sistema capitalista, o trabalho perde o seu caráter autêntico para ser subtraído, enveredando cada vez mais para diferentes formas de estranhamento.

O trabalho sendo diretamente relacionado ao desenvolvimento da criatividade do homem, claro está que essa capacidade também será absorvida pelo capital, como mecanismo de produção de riquezas e das desigualdades. Sartório (2012) referencia que no atual estágio da acumulação, em que os mercados são controlados pelo diferencial de produtos, visando à manutenção da competitividade, a criatividade é exigida como valor agregado na linha de produção. Passa a se exigir muito do profissional, que ele se dedique integralmente à empresa, relegando a sua própria vida social e interação com os seus pares.

A realidade social na atualidade é contraditória, pois se exige constantemente do indivíduo a produção da criatividade nos espaços de trabalho, em condições em que a flexibilidade é o elemento que direciona os indivíduos a se adaptarem às mudanças rotineiras nos processos de produção, que leva à crença, por exemplo, de que eles devem se dedicar integralmente ao trabalho e à empresa (SARTÓRIO, 2012).

Entretanto, é no “momento de ócio que as ideias fluem para dar espaço à criatividade, pois o indivíduo precisa de tempo livre para pensar, (des)obstaculizar o pensamento para deixar fluir as ideias.” (IBID., p. 123).

A época vivida tem dificultado aos indivíduos os momentos de tempo livre ou ocioso, que são utilizados para deixar que o pensamento flua livremente. A liberdade já foi anteriormente apontada neste estudo como componente essencial da autonomia e da participação do homem em seu contexto social e histórico, como prerrogativa do desenvolvimento de sua cidadania. Pois bem, a liberdade que promove a sensibilidade e a criação tem sido toldada em nome da acumulação capitalista, em uma sociedade capitalista e produtora das desigualdades.

Uma instituição social reflete o que a sociedade produz; a escola, como uma dessas instituições, também tem reproduzido a emergência dos aspectos demandados pelo mercado de trabalho e pelos processos produtivos. Nas próximas reflexões buscar-se-á analisar como a escola, voltada para a formação baseada em parâmetros de uma sociedade capitalista, tem buscado contribuir para o desenvolvimento da criatividade de seus alunos.

CAPÍTULO 3 – CRIATIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

A escola reúne os conhecimentos científicos, culturais, artísticos, filosóficos, éticos etc. acumulados e sistematizados pelas gerações passadas, em seu percurso pelo mundo. Esses conhecimentos deverão ser colocados à disposição das novas gerações, por meio da educação. Rodrigues (2001) referencia alguns fins da educação, argumentando que ela é regularmente desenvolvida em todas as sociedades humanas, as quais pretendem:

[...] preparar os indivíduos em crescimento (crianças e adolescentes) para assumirem papéis sociais relacionados à vida coletiva, à reprodução das condições de existência (trabalho), ao comportamento justo na vida pública e ao uso adequado e responsável de conhecimentos e habilidades disponíveis no tempo e nos espaços onde a vida dos indivíduos se realiza (IBID., 235).

Em suma, a escola se torna o *locus* ideal para a formação dos indivíduos viverem e conviverem na sociedade. Ainda segundo Rodrigues (2001), a hipótese que direciona à educação geral e, principalmente, à escolar esse papel, também referencia a segunda como aquela necessária à vida política e social, individual e coletiva, responsável pela formação do sujeito-cidadão, processo que coloca a questão da cidadania em um patamar de importância maior.

O papel da educação é dotar os educandos dos instrumentos necessários e pertinentes para inserir-se na realidade social. Tais instrumentos são evidenciados “ao serem descritos os meios educacionais que possibilitarão que todos os indivíduos cidadãos deles se apossesem” (IBID., p. 236).

Esses meios educacionais abrangem a ação de organizar e distribuir os conhecimentos e as habilidades que se encontram disponíveis em determinado momento histórico, de preparar para o trabalho e de proporcionar os meios para que todos os educandos acessem o desenvolvimento tecnológico, além do incentivo à participação crítica na vida política (RODRIGUES, 2001).

Corroborando com esse ponto de vista, Paulo Freire (1967/1999) sustenta ser a função social da educação escolar a emancipação do homem e a sua libertação contra toda forma de opressão. Para tanto, este autor defende que a escola deverá organizar-se, de tal forma, para representar um lugar de trabalho, onde ocorre o processo de ensino e aprendizagem.

A escola deve ser o *lócus* em que se dá a convivência que, continuamente, vai se superando, já que esse espaço é um lugar privilegiado para pensar e redimensionar o pensamento, a fim de que sejam reformuladas as ações diante das expectativas da comunidade escolar, que abrange pais, alunos, professores, equipe pedagógica, os funcionários e a gestão. A escola é onde também se propaga a cultura social, compreendida pela: visão de mundo, hierarquia escolar, concepção de ciência, formação e existência de espaços de poder (FREIRE, 1967/1999).

Sendo assim, na escola pode se dar o desenvolvimento da criatividade dos indivíduos, desde que os trabalhos pedagógicos estejam voltados para esse fim, assim também como o projeto educacional e a visão de homem que se quer formar e para qual sociedade estejam afinados com as propostas pedagógicas dessa instituição.

3.1 A ESCOLA COMO PROMOTORA DA CRIATIVIDADE DOS ALUNOS

É certo que a criatividade, como capacidade humana, vem sendo demandada em diversas instâncias, desde a escola, até as organizações capitalistas, como elemento que agrega valor à produção de bens e serviços. De acordo com Sartório (2012), se a criatividade representa uma qualidade essencial e se relaciona à formação do indivíduo, de forma integral, é fundamental que sejam reconquistados os espaços de formação cultural, científica e humanística, a partir do investimento maciço em estudos de literatura, língua, arte, música e das diferentes áreas da ciência.

Ainda de acordo com esta autora, tais finalidades podem ser alcançadas por meio da educação, uma vez que ela representa o processo que traz em si as condições necessárias para a reflexão sobre a própria existência dos indivíduos. Considera-se a educação o momento único, no qual ocorre a apropriação do conhecimento produzido e acumulado, além da percepção da relação entre indivíduo e sociedade (SARTÓRIO, 2012).

Para Saviani (2003), a apropriação dos conhecimentos socialmente produzidos pelas gerações anteriores é o processo que humaniza o indivíduo, pois ele permite que se aprimorem as abstrações e os sentidos. A educação, como sistema, permite que o homem se torne verdadeiramente humano, condição

responsável pelo desencadeamento de reflexões acerca do mundo, movimento que leva o homem a se reconhecer como parte integrante da sociedade.

Nessa questão, a escola tem um papel preponderante, pois ela só existe para propiciar a aquisição dos instrumentos que permitem que os indivíduos acessem o saber elaborado, sob a forma de ciência, além do acesso aos rudimentos do saber. A partir dessas questões é que se devem organizar os procedimentos de toda escola (SAVIANI, 2003).

Ainda segundo o estudioso, os conteúdos históricos são fundamentais para a educação escolar, uma vez que é por meio deles que os indivíduos apreendem a perspectiva histórica, que permite que eles se situem historicamente. A socialização do conhecimento científico, artístico e filosófico, em seus moldes mais elevados, é um projeto de educação que objetiva à ampliação dos horizontes culturais dos alunos, por meio da apropriação dos conhecimentos científicos, o que leva à produção de novas necessidades, tendo como meta o desenvolvimento do ser humano (SAVIANI, 2003).

Para ser reconhecida como um fator essencial ao desenvolvimento dos indivíduos, a educação deverá se direcionar para o conhecimento revelador da realidade e para a compreensão dos modos de opressão presentes nas relações sociais; é o entendimento desses mecanismos que torna possível uma educação plena, recurso fundamental para o desencadeamento da capacidade criativa do homem (SARTÓRIO, 2012).

A criatividade é, sobretudo, uma qualidade humana e está enraizada na história dos homens, em seu processo de constituição desde o desenvolvimento das primeiras técnicas rudimentares e, como as demais dimensões humanas, vem sendo aprimorada e desenvolvida na arte, na ciência, na produção de produtos e de bens de produção (IBID., p. 111).

Do excerto, destaca-se o papel da arte como um meio principal e indispensável para a exteriorização da subjetividade e, conseqüentemente, da criatividade. Para Coletto (2010), a arte vincula-se diretamente à capacidade criativa dos indivíduos, levando-os a reorganizarem o mundo no pensamento e a expressarem as suas emoções e transmitir ideias.

No âmbito da arte, a criatividade funciona como mecanismo para o estabelecimento da justa relação entre conteúdo e forma, organizando os modos pelos quais certo assunto será declarado, quais recursos da linguagem serão usados, sendo primordial, nesse caso, o conhecimento das tendências artísticas e de seus fundamentos teóricos (SARTÓRIO, 2012).

Coletto (2010) destaca a importância da arte na formação do indivíduo, referenciando o seu papel como promotora do desenvolvimento expressivo, da construção de uma poética pessoal e do desenvolvimento da capacidade criativa, a qual, por sua vez, pode tornar o indivíduo mais sensível, dotando-o da capacidade de olhar e analisar, de uma forma diferenciada, o mundo ao seu redor.

O homem é dotado da capacidade de criar, de aprender e também de ensinar. A sua criatividade deve ser estimulada e trabalhada, podendo ser realizada através da arte, dentro da educação escolar. Barroco e Superti (2014), citando os estudos de Vigotski (1999), argumentam que a arte é a forma pela qual o homem recria, de modo intencional, a realidade e, nesse processo, recria a si próprio. Assim, a arte não seria de um homem só, o artista, mas representaria um objeto cultural, o qual tem a sua elaboração a partir de determinada técnica, contando com a presença de uma temática, que serve para objetivar os sentimentos.

Toda essa sistemática demanda do homem elevadas forças, como de abstração, de percepção, além da emoção, da imaginação e da criatividade. Essa estrutura específica da arte é moldada por um legado humano; a arte propicia ao indivíduo viver as experiências de outros, as quais não seriam possíveis em sua vida particular, o que enriquece o seu repertório, a sua visão de mundo e a sua própria humanidade (BARROCO; SUPERTI, 2014).

A arte está diretamente relacionada ao desenvolvimento do potencial criativo do homem, na medida em que ela contribui para a sua humanização e o desenvolvimento de sentidos novos, como as paixões, a amizade, o afeto e os amores. As características estritamente humanas, que ultrapassam as necessidades meramente naturais, firmam-se na construção dos objetos culturais e artísticos (BARROCO; SUPERTI, 2014).

Citando Marx (2003), as autoras indicam que a arte é o fator contribuinte para que os sentidos humanos sejam refinados, fazendo com que o homem se veja cada

vez “mais livre dos instintos e das necessidades imediatas”, assumindo a “liberdade para criar sob novos princípios, como os da beleza”. A arte chancela as mais elevadas características do homem, permitindo “não apenas a humanização dos cinco sentidos biológicos, mas, contando com eles, possibilita o desenvolvimento dos sentimentos” (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 27).

Entende-se que a arte é um elemento relevante para o desenvolvimento da criatividade dos indivíduos, já que ela coloca em movimento emoções e sentimentos que se concretizam nas obras artísticas e que, ao serem apropriadas por esses indivíduos, podem produzir neles transformações que afetam as suas funções psicológicas e a sua própria consciência.

Essas argumentações sustentam a importância da escola trabalhar a arte que, entre outros, pode ser um motor de grande relevância no desenvolvimento da criatividade dos alunos. Chasin (2003) defende uma educação escolar comprometida, na qual a aprendizagem ocorra pela apropriação das diversas áreas das ciências – entre as quais, a artística –, visando levar os alunos a compreender a totalidade, extrapolando uma formação específica que atenda às demandas do mercado de trabalho. Essa característica da formação compromete o desenvolvimento do homem em sua integralidade, obstando a manifestação de suas potencialidades e o alargamento de sua subjetividade.

A educação voltada para o desenvolvimento da criatividade deverá primar pela formação dos sentidos, da subjetividade e do intelecto dos indivíduos. Isso faz com que essa educação se constitua numa sistemática essencial à constituição humana, uma vez que, por meio dela, pode-se superar o senso comum, a superficialidade e a percepção estreita da realidade (CHASIN, 2003).

Pinto e Blattmann (2002) referenciam estudos que evidenciam que os processos criativos do ser humano são um grande diferencial entre as demais espécies, sendo possível ocorrer somente se lhe for proporcionado um clima de autêntica liberdade mental, em um contexto global e estimulante, no qual se privilegia o desenvolvimento do pensamento divergente e autônomo.

Tal aspecto exige a emergência de uma forma de pensar diversa da clássica educação. Para lidar com a criatividade, como recurso humano e natural, a prática

educacional deverá estabelecer formas básicas de atuação, quais sejam (PINTO; BLATTMANN, 2002):

– **Inclusão do tema criatividade nos currículos**

Essa ação está voltada para a inclusão da criatividade no currículo escolar, visando ao ensino do pensamento crítico, bem como dos perfis de solução de problemas. A criatividade poderá ser utilizada dentro do processo de planejamento da aprendizagem. Tal ação se efetiva a partir da aplicação nos programas institucionais do que se conhece sobre o tema criatividade.

– **Separação das unidades de instrução, dos cursos ou programas**

Essa medida visa à inclusão de unidades separadas de instrução, de cursos ou de programas com o objetivo de trabalhar a criatividade dos alunos. São programas que já vêm sendo realizados em escolas e que buscam trabalhar com alunos academicamente talentosos.

– **Introdução do tema criatividade ao planejamento de disciplinas**

Trata-se de introduzir o tema criatividade no aprendizado de diferentes disciplinas escolares, objetivando desenvolver essa capacidade nos alunos, como fator promotor da inovação.

Martinez (1997) referencia a “educação da criatividade”, publicando que existem estratégias utilizadas para desenvolver tal capacidade, no âmbito das escolas, a partir de seis grupos básicos, quais sejam:

- Utilização de técnicas;
- Cursos e treinamentos;
- Seminários e vivências;
- Jogos criativos;
- Desenvolvimento da arte;
- Modificações nos currículos escolares.

A primeira estratégia, **a utilização de técnicas**, abrange especificidades de técnicas utilizadas para a solução criativa de problemas, havendo uma maior aplicação em trabalhos de grupos. As técnicas mais conhecidas e utilizadas são aquelas de associação livre, como o *brainstorming* (tempestade de ideias).

Para alguns segmentos, como os escolares e mesmo nas organizações capitalistas, essas técnicas buscam desenvolver a autodeterminação e a capacidade criativa nos indivíduos (MARTINEZ, 1997).

A segunda estratégia, **a utilização de cursos e treinamentos**, visa ensinar os alunos a solucionar os problemas de modo criativo, a partir do desenvolvimento de sua sensibilidade e percepção, seja de si próprio e do coletivo – os seus pares em sala de aula. A partir daí, eles podem identificar os bloqueios de criatividade.

Na terceira estratégia, **o uso de seminários e vivências**, busca-se ensinar ao aluno pensar de modo criativo, em face dos problemas que lhe são colocados, como atividades pedagógicas. Pensar está relacionado diretamente à relevância das operações cognitivas no processo criativo, além do alcance de níveis maiores quanto ao desenvolvimento intelectual e ao uso de estratégias de pensamento que quebrem com esquemas rotineiros e tradicionais.

Os **jogos criativos**, muito utilizados na educação infantil e nos primeiros anos da educação escolar, como a quarta estratégia para o desenvolvimento da criatividade nas atividades escolares, podem ser meios efetivos para mobilizar elementos afetivos e motivacionais que se vinculam à criatividade (MARTINEZ, 1997).

A utilização dos jogos criativos busca liberar o indivíduo de possíveis bloqueios, através da interação e da capacidade de comunicação, pois é no ato de jogar que alguns recursos cognitivos, como a espontaneidade e a percepção, se aguçam em torno das regras e interação com os seus pares.

Na quinta estratégia proposta por Martinez (1997), cita-se **o uso da arte** com a finalidade específica de desenvolver a criatividade por meio das diferentes manifestações artísticas – dança, teatro, artes plásticas, expressão corporal, música etc.

A utilização da arte na educação possibilita que o indivíduo entre em contato consigo próprio, com o coletivo e com a totalidade da realidade humana; desenvolve a percepção, pois é agente provocadora da capacidade de observação dos fenômenos do mundo; e estimula a exteriorização de sentimentos (COLETO, 2010).

Na sala de aula, usada como recurso didático, a arte representa uma possibilidade para que os alunos exercitem a corresponsabilidade pelos destinos de

uma vida cultural individual e coletiva, livre de exclusão e preconceito. A educação com mediação da arte deve conduzir os alunos não só para a criação de produtos artísticos, mas também, para aprender a apreciá-los, examiná-los e avaliá-los (COLETO, 2010).

Por fim, a sexta estratégia refere-se à **importância de se modificar os currículos escolares**, com vistas à correção das defasagens existentes entre eles e os avanços tecnológicos, de forma geral. Martinez (1997) defende que essas alterações sejam realizadas, por exemplo, para incorporar estratégias educacionais mais atualizadas, como a solução criativa na resolução de problemas.

Pinto e Blattmann (2002) citam os estudos de Tereza Amábile para sustentar que a criatividade é uma condição natural da criança que, ao passar para a maturidade, parece ter inibida esta capacidade. Nesse aspecto, serve de exemplo a própria história de Amábile que, tendo sido reconhecido o seu potencial para as artes nos primeiros anos de educação escolar, teve esse mesmo potencial embotado ao ser matriculada em uma escola de métodos tradicionais rigorosos, o que provocou a falta de estímulos e, conseqüentemente, a inibição do potencial.

Tal passagem leva a retomar, mais uma vez, a proposta de Ken Robinson (DIGUÊ, 2016) sobre a responsabilidade da escola em matar o potencial criativo dos alunos e que, de certa forma, também motivou a realização desta pesquisa. Para Robinson (DIGUÊ, 2016, s. p.), o sistema educacional é falho em não desenvolver os talentos individuais, em nome de uma educação que prepara para os vestibulares ou para o mercado de trabalho:

Somos formados por um sistema educacional *fast-food*, em que tudo é padronizado, industrializado. Temos de mudar isso para uma educação manufaturada, orgânica. E aprender que o florescimento humano não é um processo linear e mecânico, mas orgânico. A educação precisa ser customizada para diferentes circunstâncias e personalizada. É preciso criar um sistema em que as pessoas busquem suas próprias respostas.

Uma educação voltada para o desenvolvimento da criatividade leva em conta as questões individuais e também coletivas, na medida em que promove o desenvolvimento da sensibilidade, da percepção e das emoções, como forma de inserção na vida social e na busca de alternativas para proceder ao enfrentamento da realidade. Daí Ken Robinson indicar uma educação personalizada, que tenha a

pessoa como centro do processo de ensino e aprendizagem, com foco na formação de sujeitos aptos para exercer a sua cidadania.

Acredita-se, baseado nos estudos de Oliveira e Alencar (2012), que a própria forma como a escola se encontra organizada dificulta os trabalhos que tenham o foco em desenvolver a criatividade de seus alunos, não permitindo a livre expressão, o intercâmbio de ideias, o diálogo permanente e a realização da transdisciplinaridade. Essa organização escolar atual demonstra currículos inflexíveis e uma gama burocrática de procedimentos, que visam dar conta das exigências da regulação promovida pelos órgãos supervisores, como as secretarias de ensino.

Desse modo, argumenta-se como um trabalho pedagógico diferenciado pode recuperar o sentido da escola, como local de apropriação da cultura produzida e sistematicamente acumulada pelos indivíduos e como espaço para desenvolver a expressividade criativa dos indivíduos. Para tanto, elege-se o sentido da escola criativa, tema analisado e discutido no tópico seguinte.

3.2 A ESCOLA CRIATIVA, CIDADÃOS CRIATIVOS, PARTICIPATIVOS E CRÍTICOS

Diante das análises feitas a respeito do papel da escola no desenvolvimento da criatividade dos indivíduos, é necessário que se faça uma reflexão a respeito de como a escola vem desenvolvendo o seu trabalho educativo, com vistas à formação do homem capaz de atuar na sociedade. Navas (2015) referencia o conceito de “escola criativa” aliada à transdisciplinaridade, como pressupostos do futuro da educação escolar.

De acordo com o teórico, o desenvolvimento da capacidade criativa depende da existência de ambientes psicossociais que possibilitem a livre expressão, o intercâmbio de ideias e a dialogicidade permanente, além da existência da transdisciplinaridade (NAVAS, 2015).

Bergman e Sams (2016, p. 22) argumentam que a transdisciplinaridade é um fenômeno que ultrapassa a simples interação e reciprocidade entre as ciências e derruba as fronteiras entre as disciplinas. A transdisciplinaridade está presente nos métodos ativos em educação que colocam o aluno como centro do processo de ensino e aprendizagem, e o fenômeno é explicado por suas características:

construção do conhecimento de forma global e rompimento das fronteiras entre disciplinas.

Navas (2015) defende que uma escola criativa, além de praticar a transdisciplinaridade, deverá ter um compromisso e responsabilidade irrestritos com a educação, adotando um currículo que apresente caráter integrativo, fundamentado em unidades que atendam às necessidades dos alunos e da comunidade.

A escola criativa representa o futuro e, para isso, o processo de ensino e aprendizagem deve ser baseado na pesquisa e na descoberta, sem deixar de levar em conta os fundamentos da ética, da educação afetiva, social e política, que tenham compromisso de formar indivíduos em sua integralidade (NAVAS, 2015).

Dessa forma, salienta-se neste estudo a importância da escola ter claro que os seus métodos de ensino deverão focar no indivíduo que aprende, isto é, nos alunos, pois, segundo Martinez (2002, p. 191), a criatividade do ser humano “é um processo plurideterminado”, dependente de fatores históricos, culturais, sociais, econômicos, ideológicos, subjetivos, entre outros.

A escola, mediante isso, deverá ter a noção das características de indivíduos que serão o centro de seu processo de ensino e aprendizagem, visando a um ensino mais significativo, contextualizado e focado no desenvolvimento da criatividade individual. Isso porque, de acordo com Martinez (2002), as características subjetivas são componentes essenciais da expressão criativa dos sujeitos. Essas características nascem e se desenvolvem no percurso da história de vida de cada um, em face das relações estabelecidas nos diversos contextos sociais de ações e relações.

O reconhecimento dessa sistemática, por parte da escola, é de fundamental importância, pois o seu espaço funciona como constituinte das características pessoais que intervêm na capacidade do indivíduo expressar-se criativamente. Ao reconhecer isso, a escola e os seus profissionais passam a se preocupar com a organização das atividades educativas intencionais, planejando ações pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento dos recursos pessoais e, conseqüentemente, das possibilidades de expressão criativa dos alunos (MARTINEZ, 2002).

No entanto, o contrário também pode ser verificado: a escola tornar-se um ambiente repressor da expressividade criativa dos indivíduos ao não possuir a noção de que o seu espaço funciona como mobilizador e promotor da expressão criativa de seus alunos.

Esse panorama opressor é fruto de uma escola que apresenta processos burocratizados, nos quais o pedagógico se perde em meio à profusão de normas, regras e obrigações, principalmente quanto ao atendimento de orientações dos órgãos reguladores de ensino, ao excesso de sistemas avaliatórios externos e ao não investimento na formação docente. Os professores devem ter um papel destacável, uma vez que são eles os planejadores e executores de estratégias e ações intencionais para que se dê o processo de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, o desenvolvimento e a formação dos alunos, enquanto sujeitos de direitos e aptos a exercerem a sua cidadania.

Assim, o tópico seguinte faz uma análise sobre a construção do conceito da escola criativa, fundamentada na formação do professor e em sua ação pedagógica voltada para o aluno e suas necessidades e expectativas educacionais, buscando deslocá-lo para o centro do processo de ensino e aprendizagem, tendo vistas ao desenvolvimento da expressão criativa desses indivíduos.

3.3 O TRABALHO DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE

A escola criativa depende de diversos aspectos para que represente um espaço motivador da expressão criativa de seus alunos. Um deles é a atuação consciente e comprometida de seus professores, que imprescinde de uma formação consistente para as propostas e trabalhos em sala de aula. Nakano (2009) cita diversos estudos que focalizam a atuação do professor na escola, com vistas ao desenvolvimento da criatividade dos alunos.

Analisando esses estudos, a autora identifica, inicialmente, que os professores apresentam dificuldades em apontar e reconhecer as características comportamentais de indivíduos criativos, aspecto importante para o direcionamento de trabalhos pedagógicos, com a finalidade de desenvolver a expressão criativa dos alunos (NAKANO, 2009).

Ainda de acordo com a autora, essas características resumem-se a comportamentos, traços de personalidade e condições internas e externas que

favorecem ou impedem a realização e “o desenvolvimento de aptidões, interesses, atitudes e motivações” (NAKANO, 2009, p. 50). Outro problema apontado na análise dos estudos é que ainda persiste junto aos professores uma visão tradicional de aluno, sendo que esses profissionais revelam preferir alunos mais “obedientes, conformistas e sociáveis do que aqueles que são questionadores, independentes e intuitivos” (IBID., p. 50). Entretanto, essas últimas características são as que, justamente, caracterizam os comportamentos de indivíduos criativos.

Ainda se abordando a mesma pesquisa, bastante esclarecedora para este estudo, a autora revela que as características mais aceitas pelos professores, em relação aos seus alunos, são a obediência, a sinceridade, a atenção, o envolvimento com o trabalho, as boas relações com os colegas e a popularidade. As menos importantes são a independência de pensamento, a curiosidade e a autoconfiança, características essenciais do potencial criativo.

Uma leitura mais atenta dessa pesquisa permite refletir e argumentar que a educação escolar necessita rever os seus padrões em relação aos indivíduos que está formando e para qual sociedade o faz. A percepção que se tem é que esses padrões, decididamente, não estão em correlação direta com uma sociedade cujos avanços tecnológicos colocaram em xeque muitas das questões sociais das últimas décadas.

Afirma-se isso baseado nos estudos de Oliveira e Alencar (2012), que buscam refletir sobre o direcionamento da escola e de seus professores, no sentido de rever práticas educacionais e introduzir programas de treinamento e estimulação da criatividade nos currículos escolares, a fim de que se criem ambientes mais propícios a motivar a expressão criativa nos alunos.

Com referência a esse ambiente, o professor constitui elemento chave para facilitar o desenvolvimento do potencial criador dos alunos. Para tanto, a escola precisa ser um espaço que cultive e valorize as ideias originais de seus educadores, oportunizando o desenvolvimento e o desabrochar de habilidades que muitas vezes esse profissional desconhece possuir (OLIVEIRA; ALENCAR, 2012, p. 543).

Em face disso, é necessário que a instituição escolar tenha claro as características do professor que propicia o desenvolvimento da criatividade de seus alunos, a fim de que possa trabalhá-las e envidar esforços para uma formação

continuada dos docentes nessa direção. Oliveira e Alencar (2012) reafirmam a urgência de se implantar essa visão na escola, visto que tal instituição é o espaço propício para o desenvolvimento da expressão criativa dos indivíduos e os professores os agentes que devem planejar as ações pedagógicas voltadas para esse fim.

Martinez (2002), entretanto, reflete que as ações do professor em descaracterizar os comportamentos criativos dos alunos não é algo intencional, tem muito mais a ver com a constituição de seus saberes e fazeres. Muitas vezes, o professor reproduz práticas tradicionais de ensino, porque traz isso de sua experiência como estudante e os cursos de formação não contribuem para a superação dessas experiências que norteiam as práticas desses profissionais.

A estratégia de trabalho que tem por finalidade desenvolver a criatividade do próprio professor, para que ele consiga superar práticas tradicionais de ensino e focalizar os comportamentos criativos dos alunos, de modo a promovê-los, é agir nos cursos de formação de professores, visando à reestruturação do processo de ensino e aprendizagem, de forma que haja uma contribuição mais efetiva para o desenvolvimento de recursos pessoais e as competências que possibilitem uma atuação profissional mais criativa (MARTINEZ, 2002).

Por fim, cabe a reflexão de que trabalhar a criatividade humana passa pela reconfiguração da instituição escolar, de seus processos de trabalho e da formação de seus profissionais. Essa é uma sistemática bastante complexa, porque envolve ideologias e, conseqüentemente, as políticas voltadas para a educação.

Entretanto, se algo não for realmente feito, se estratégias não forem definidas, a educação escolar continuará caminhando em desacerto com as demandas da sociedade, em relação à formação de sujeitos capazes de intervir em sua realidade e contribuindo para o desenvolvimento de todas as instâncias sociais – família, trabalho, economia, partidos políticos, Estado, entre tantas outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos efetivados nessa pesquisa, algumas reflexões foram realizadas e permitiram algumas constatações, das quais a principal relaciona o homem como um ser criador, sendo tal habilidade a questão-chave para se falar de criatividade. De fato, o ser criativo, a despeito das noções que perpassam o mundo produtivo capitalista, está relacionado com a participação dos indivíduos em sua realidade social, com a imersão na cultura, com o desempenho dos papéis sociais e com a transformação dialética, que provém da ação humana sobre o seu contexto.

Em face dessa constatação macro, é oportuna a retomada dos objetivos que foram colocados por esta pesquisa, na busca pela resposta à questão-problematizadora, de acordo com os autores que serviram de fundamentação teórica para as análises e reflexões aqui realizadas.

O conceito de criatividade, o qual este estudo enfatiza e que norteia os trabalhos desenvolvidos por mim em sala de aula, é aquele trazido por Sartório (2012), que referencia a criatividade enquanto a exteriorização de comportamentos, em face da percepção e sensibilidade, quanto às necessidades da vida social.

Outro aspecto é relacionado com a sensibilidade do indivíduo, que permite identificar no contexto social a expressão que falta e, conseqüentemente, a criação necessária para transformar o objeto singular em universalidade, que tenha por finalidade o atendimento das necessidades coletivas (SARTÓRIO, 2012).

É com a intenção de desenvolver essa percepção e sensibilidade em relação ao cotidiano e à vida social, que introduzo atividades baseadas em problemas, necessidades, tendências e alternativas aos meus alunos. A intenção é que eles consigam ampliar os seus sentidos, movimento essencial para o desenvolvimento do intelecto, e analisar todas as possibilidades envolvidas na busca por alternativas ainda não consideradas, seja por mim ou mesmo pelo contexto.

A introdução de teóricos que embasam as hipóteses e justificativas para a solução dos problemas apresentados tem como finalidade a superação do senso comum, dos aspectos que ficaram na superficialidade e da percepção ingênua da realidade, segundo estudos de Sartório (2012).

Em diversas atividades de sala de aula, busco, através da arte (desenhos, colagens, pinturas, música etc.), levar os alunos à expressão daquilo que sentem

sobre determinado assunto, bem como as suas crenças, valores e opiniões sobre um tema dado. O uso da arte nessas atividades se ampara nos estudos de Coletto (2010) sobre a eficácia dessa ferramenta, na medida em que a arte representa um meio essencial para que o indivíduo exteriorize a sua subjetividade e, conseqüentemente, a sua criatividade.

De acordo com Sartório (2012) a arte está presente nas atividades humanas desde tempos remotos da história, e é responsável, em grande parte, pelo aprimoramento e desenvolvimento da criatividade. Coletto (2010) afirma que a arte encontra-se vinculada, de forma direta, à capacidade criativa humana, o que conduz o homem a reorganizar o seu mundo no pensamento, refletindo sobre ele e expressando as suas emoções.

Tal ponto de vista retoma outro objetivo da pesquisa, que foi estudar a criatividade como um componente do homem para vir a se tornar cidadão. Os escritos de Barroco e Superti (2014), que retomam os estudos de Vigotski (1999) sobre a relação entre arte, criatividade e o desenvolvimento do pensamento humano, refletem que a capacidade de criar do homem, assim como de aprender e de ensinar, possibilita que ele intervenha em sua realidade social, de modo intencional e se relacione com os seus pares, criando-a e recriando-se.

Exercitar a criatividade para o homem exige que ele aprimore as suas capacidades de sentir e pensar a vida, por meio de uma visão ampla e da percepção das dinâmicas sociais, políticas e culturais, as quais possibilitam que ele interaja com o seu mundo e busque alternativas, diante das necessidades que surgem, já que a natureza, durante o nascimento, não o proveu de todas as condições para viver em sociedade (ALVES; CASTRO, 2015).

O homem, ao apreender o seu mundo, apropria-se de sua realidade, reflete sobre ela e se liberta das opressões, sejam essas ideológicas, culturais ou sociais. Tal processo é um passo para efetivar a sua liberdade, autonomia e autoestima, aspectos valorosos para tornar-se cidadão. A criatividade, nessa sistemática, funciona como a capacidade para o homem pensar e tomar decisões, principalmente diante da diversidade dos desafios impostos pela vida social.

É nessa perspectiva, a da relação da criatividade com a apreensão da realidade social, da imersão na cultura e, conseqüentemente, do tornar-se cidadão,

que privilegio o trabalho em grupo, a heterogeneidade da sala de aula, mas, também, as subjetividades. Nesse sentido, fundamento-me em Paulo Freire e sua educação emancipatória e libertadora, que busca o não condicionamento do aluno e a eliminação do autoritarismo (FREIRE, 1967/1999).

Como professora, não busco ser uma transmissora de conteúdos ou a “proprietária do saber”. Antes, considero a contribuição da diversidade que possuo todos os dias em sala de aula e busco direcioná-la a favor das formas diferentes de participação e busca de alternativas para as questões problemáticas do dia a dia, objetivando extrair dos alunos o seu posicionamento crítico, autônomo e livre frente às adversidades da vida social.

Essa reflexão remete diretamente ao derradeiro objetivo desta pesquisa, isto é, a investigação do papel da educação escolar como incentivadora ou promotora do desenvolvimento criativo dos alunos. Acredita-se que a escola é um espaço privilegiado para que os indivíduos possam desenvolver-se, formar-se cidadãos, pela apreensão da cultura historicamente acumulada pela humanidade, ao longo de sua vivência no mundo e que se encontra sistematizada na escola, como conhecimentos científicos, filosóficos, éticos, artísticos e culturais.

Nesse sentido, é importante retomar os estudos de Rodrigues (2001), para quem a escola é o espaço ideal de formação dos indivíduos, para que eles possam viver e conviver em sociedade. Isso porque a educação escolar é necessária à vida política e social, seja essa individual ou coletiva, e que constituem o cidadão.

Entretanto, essa educação deve-se mostrar significativa e contextualizada, isto é, levar em conta as transformações sociais e a história de vida dos indivíduos. Para tal afirmação, remeto-me a Martinez (1997) que argumenta ser essencial que a educação escolar incorpore estratégias educacionais atualizadas e concernentes com as alterações impostas pela tecnologia, por exemplo.

Para acompanhar tais transformações e fazer parte delas como indivíduos autônomos, críticos e protagonistas, é essencial que a criatividade seja desenvolvida e incentivada, recuperando-se o sentido dessa capacidade como atuação humana no mundo, em face da criação de alternativas e soluções para as complexidades da realidade social.

A escola deverá estar a favor disso, assim como o planejamento e execução de seus trabalhos. Os trabalhos pedagógicos também devem estar conectados a essas transformações, não podendo mais seguir antigos padrões tradicionais, que deslocam o aluno para uma posição de receptor dos saberes e os professores, transmissores de conteúdos.

Identificado com essas questões, este trabalho defende a instauração de uma escola criativa, que tenha por métodos de trabalho a pesquisa e a descoberta, fundamentadas na ética, no afeto, nas questões sociais e políticas. Tais métodos deverão ter o aluno como o epicentro do processo de ensino e aprendizagem, pois para se desenvolver a criatividade enquanto um processo plural e diverso, é necessário o conhecimento desse aluno, suas necessidades e expectativas, bem como da comunidade em que ele está inserido.

Refletindo sobre essa questão, argumento que as minhas práticas em sala de aula buscam focar os conhecimentos prévios de meus alunos, o contexto social em que eles vivem – são, em sua maioria, jovens oriundos das camadas populares da sociedade e moradores de comunidades pobres dos arredores de São Paulo – e seus pontos de vista sobre as questões mais complexas da vida social.

Para a realização do trabalho em sala de aula, focado na criatividade e na expressão, na autonomia e protagonismo e no tornar-se pessoa e cidadão, apoio-me no que Martinez (2002) aponta em seus estudos sobre o papel da escola, que é formatar o seu espaço, de modo que ele venha a favorecer a capacidade criativa dos alunos.

Isso é alcançado, em grande parte, por meio de ações pedagógicas planejadas e executadas, intencionalmente, de tal modo que elas consigam desenvolver os recursos pessoais desses alunos e garantir-lhes os meios para expressar-se livremente.

Para viabilizar esse trabalho, não excluo a participação dos professores como os estimuladores de todo esse processo. Nessa questão, chamo a atenção para a necessidade de uma sólida formação, seja inicial ou continuada, que leve o professor a buscar alternativas para além das metodologias tradicionais e conteudistas, pois encontra-se em curso o desenvolvimento de comportamentos que

favoreçam a criatividade: questionador, independente, intuitivo, curioso e autoconfiante.

Analisando e refletindo sobre o alcance dos objetivos propostos por esta pesquisa e tendo clara a fundamentação teórica por parte dos principais autores selecionados, a resposta da questão-problematizadora direcionou-me à reflexão de que a criatividade é um componente essencial ao desenvolvimento afetivo, social e histórico do homem, sendo responsável por seu próprio processo de humanização.

É por meio da criatividade que os seres humanos se colocam frente ao mundo em que vivem, buscam soluções e alternativas para as complexidades que a realidade lhes impõe, procedendo ao enfrentamento de questões de toda ordem, que atingem a vida em sociedade. Isto permite a reflexão, a superação e a busca por melhores condições, tanto para as necessidades individuais, quanto coletivas.

A criatividade, a inventividade e as produções humanas que possuem efeitos de inovação, antes privilégio de poucos, em dias atuais recaem sobre todos os indivíduos, ainda que haja produções que sejam socialmente mais reconhecidas que outras. Desse modo, como quaisquer outras capacidades que se buscam desenvolver nos seres humanos, o estímulo à criatividade, nas diferentes esferas da vida – família, escola, trabalho, entre outras – é essencial para o próprio processo de constituição desse homem como um cidadão, pleno de direitos e capaz de transformar o seu meio e melhorar a vida em sociedade.

Por fim, sugere-se que outros estudos sejam realizados, enfatizando o desenvolvimento da escola como uma organização que possibilita que professores e alunos sejam estimulados a desenvolver a sua criatividade. Tal sugestão encontra respaldo na percepção de que há uma profusão de estudos acerca da educação e o desenvolvimento da criatividade. Porém, não há uma produção científica considerável que analise os aspectos estruturais, de cultura, liderança, de clima etc. intervinientes no desenvolvimento criativo daqueles que transitam pela organização escolar e são os artífices do processo de ensino e aprendizagem: alunos e professores.

REFERÊNCIAS

AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. **Psicol. rev.**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 32-47, abr. 2011. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 jun.2016.

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. Um estudo de criatividade. **Arq. bras. Psic. apl.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 59-68, abr./jun. 1974.

_____. Criatividade e ensino. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 13-16, 1986. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931986000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 set.2016

_____; FLEITH, Denise de Souza. Contribuições Teóricas Recentes ao Estudo da Criatividade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Universidade de Brasília, Brasília, DF, v. 19, n. 1, pp. 1-8, 2003.

_____. et al. **Medidas de criatividade**: Teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ALMEIDA, Glessiane de O.; ALMEIDA, Gláucia R. de O. Criatividade: conceito e reflexão. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 743-759, jul./set. 2012. Disponível em:

<<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/viewFile/1457/119>>. Acesso em: 29 set.2016.

ALVES, Maria Luísa da Cruz; CASTRO, Paulo Francisco de. Criatividade: histórico, definições e avaliação. **Revista Educação**, Campinas, v. 10, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/viewFile/2161/1611>>. Acesso em: 09 set.2016.

BARROCO, Sonia Mari Shima; SUPERTI, Tatiana. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia e Sociedade**, UFRGS, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 22-31, 2014.

_____; TULESKI, Silvana Calvo. Vigotski: o homem cultural e seus processos criativos. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 24, p. 15-33, jun. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jun. 2016.

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida**. Uma metodologia ativa de aprendizagem. São Paulo: LTC, 2016.

BONIN, Luiz Fernando Rolim. Educação, consciência e cidadania. In: SILVEIRA, Andréa F. et al (Orgs). **Cidadania e participação social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2008. p. 92-105.

BRAIA, Filipa; CURRAL, Luís; GOMES, Catarina. Criatividade em contexto organizacional: o impacto de recompensas extrínsecas e do feedback negativo no desempenho criativo. **Psicologia**, Lisboa, v. 28, n. 2, p. 45-62, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492014000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 jun. 2016.

BRITO, Ronnie Fagundes de; VANZIN, Tarcisio; ULBRICHT, Vânia. Reflexões sobre o conceito de criatividade: sua relação com a biologia do conhecer. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 204-213, nov. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212009000300017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 jun. 2016.

CHASIN, Ibaney. **Monteverdi: humana melodia**. 2003. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. 465 f.

COLETO, Daniela Cristina. A importância da arte para a formação da criança. **Revista Conteúdo**, Capivari, v. 1, n. 3, 2010. Disponível em: <<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/35/34>>. Acesso em 01.09.2016.

DIGUÊ, Patrícia. Ken Robinson: A escola mata a criatividade. **Revista Isto É** [online], São Paulo, ed. 2426, 06 de junho de 2016. Disponível em: <[http://istoe.com.br/81169_A+ESCOLA+MATA+A+CRIATIVIDADE+/<](http://istoe.com.br/81169_A+ESCOLA+MATA+A+CRIATIVIDADE+/)>. Acesso em: 01 jun.2016.

ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 13-34.

FREIRE, Paulo (1967). **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Trad. Maria Adriana V. Veríssimo. São Paulo: Artmed, 1995.

GOMES, Roberto Ken; LAPOLLI, Édis Mafra. Os estímulos e barreiras à criatividade no ambiente organizacional. **Revista Borges: Estudos Contemporâneos em Ciências Sociais e Aplicadas**, Florianópolis, v. 5, n. 2, dez. 2014.

JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo. A criatividade verbal e sua importância nos ambientes educacionais. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.), Campinas, v. 5, n. 2, p. 11-20, Dec. 2001 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572001000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 jun.2016.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LUBART, Todd. Concepções da criatividade. In: _____. **Psicologia da criatividade**. Trad. Márcia Conceição M. Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 11-17.

MARTINEZ, Albertina Mitjás. **Criatividade, personalidade e educação**. São Paulo: Papirus, 1997.

_____. A criatividade na escola: três direções de trabalhos. **Linhas críticas**, Brasília, v. 8, n. 15, p. 186-206, jul./dez. 2002.

MORAES, Maria Cândida; NAVAS, Juan Miguel Bataloso (Colab.). **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos epistemológicos e ontológicos**. São Paulo: Papirus, 2015.

NAKANO, Tatiana de Cássia. Investigando a criatividade junto a professores: pesquisas brasileiras. **Revista ABRAPEE**, Universidade Federal de Uberlândia, MG, v. 13, n. 1, p. 45-53, jan/jun.2009.

NAVAS, Juan Miguel Batalloso. Criatividade e interdisciplinaridade. In: MORAES, Maria Cândida; NAVAS, Juan Miguel Batalloso (Colab.). **Transdisciplinaridade, criatividade e educação**: fundamentos epistemológicos e ontológicos. São Paulo: Papyrus, 2015. p. 101-132.

OLIVEIRA, Edileusa Borges Porto; ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. Importância da criatividade na escola e no trabalho docente segundo coordenadores pedagógicos. **Estud. psicol.**, Campinas, v. 29, n. 4, p. 541-552, dez.2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 set.2016.

OLIVEIRA, Zélia Maria Freire de. Fatores influentes no desenvolvimento do potencial criativo. **Estud. Psicol.**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 83-92, mar.2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 jun.2016.

PINHEIRO, Igor Reszka. Modelo geral da criatividade. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 25, n. 2, jun. 2009.

PINTO, Marli Dias de Souza; BLATTMANN, Ursula. Importância do desenvolvimento criativo em ambientes educacionais e organizacionais. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 7, n. 1, p. 59-72, 2002. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/375/451>>. Acesso em: 03 set.2016.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 22, n. 76, p. 232-257, Oct. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 jun.2016.

SAKAMOTO, Cleusa Kazue. Criatividade e a construção da realidade contemporânea. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, Mackenzie, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/viewFile/5007/3820>>. Acesso em: 01 jun.2016.

SARTÓRIO, Lúcia Aparecida Valadares. Criatividade: mediação entre a realização do indivíduo e o desenvolvimento da sociedade. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, Mackenzie, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/download/5010/3822>. Acesso em: 02 out.2016.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 31. ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

_____. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 8. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

_____. Perspectiva marxiana do problema subjetividade intersubjetividade. In: DUARTE, Newton (Org.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 21-52.

SOUZA, Jociano Coêlho de. A escola como espaço social para prática pedagógica da economia solidária entrelaçada pela educação popular. Colóquio Internacional Paulo Freire, VIII, de 19 a 23 de setembro de 2013, Recife, PE. **Anais...** Recife: UFPE, 2013. Disponível em:

<<http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/viii-coloquio/paper/view/331/358>>. Acesso em: 02 set.2016.

VERAS, Ingrid Almeida. A criatividade como condição de ser humano. **Revista Filosofia Capital**, Porto Alegre, v. 4, ed. 8, 2009. Disponível em:

<<http://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/viewFile/91/67>>. Acesso em: 09 set.2016.

WECHSLER, Solange Muglia et al. Criatividade e inteligência: analisando semelhanças e discrepâncias no desenvolvimento. **Estud. psicol.**, Natal, v. 15, n. 3, p. 243-250, dez.2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2010000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 nov.2016.

_____; NAKANO, Tatiana de Cássia. Caminhos para a avaliação da criatividade: perspectiva brasileira. In: PRIMI, Ricardo. (Org.). **Temas em avaliação psicológica**. Campinas: IBAP, 2002. p. 103-115.